UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

KLAUBER RENAN DUTRA DE OLIVEIRA

Verbos defectivos no português brasileiro: Eles existem mesmo?

São Paulo

2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

KLAUBER RENAN DUTRA DE OLIVEIRA

Verbos defectivos no português brasileiro: Eles existem mesmo?

Versão Original

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Orientador: Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza

São Paulo

2017

OLIVEIRA, K.R.D. *Verbos defectivos no português brasileiro: Eles existem mesmo?*.
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título e
mestre em Linguística.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dra. Maria Claudete Lima

Instituição Universidade Federal do Ceará

Julgamento _____

Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt

Instituição Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Julgamento _____

Prof. Dra. Luciana Raccanello Storto

Instituição Universidade de São Paulo

Julgamento _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____

Julgamento _____

Esta pesquisa foi apoiada por:

- CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Processo n. 133835/2015-4

A todos que, de alguma forma, contribuíram com a realização deste projeto.

AGRADECIMENTOS

Aqui vão meus sinceros agradecimentos, primeiramente, a minha amada mãe, Vera Lúcia, por sempre me incentivar e me motivar quando eu já parecia não ter mais esperanças para continuar nesta difícil jornada. Obrigado por sempre, desde a minha infância, ser fundamental na superação dos meus obstáculos e também na minha educação que resultou em várias conquistas, inclusive nessa.

Ao meu pai, Carlúcio Inácio, pelo amor incondicional, do seu jeito, a mim e apoio na hora de tomar decisões difíceis.

A minha namorada, Karoline Guerra, pela paciência, pelo amor e por sempre estar ao meu lado nos bons e maus momentos. Sem ela, eu não teria conseguido chegar até o fim.

Aos meus dois irmãos, Flauber Renan e Glauber Renan, por estarem presentes de alguma forma na minha vida fora de “casa”. Ao meu tio Aristóteles Dutra, sempre mostrando que as dificuldades da vida também fazem parte de um importante aprendizado. A todos meus familiares que, durante esses dois anos, fizeram com que eu entendesse o verdadeiro sentido da palavra família.

Ao meu orientador, Paulo Chagas de Souza, por ter me estendido a mão quando eu pensava que ninguém mais poderia me ajudar, por ter me dado autonomia na pesquisa e confiar no meu trabalho. Meu muito obrigado!

Aos meus inúmeros e melhores amigos da Universidade Federal do Ceará, os quais tive a imensa sorte de encontrar na vida. Ao Nathan Matos quem me incentivou a ir para a pós-graduação e não me limitar a nada. Ao meu amigo Madjer Pontes pela amizade e conhecimento compartilhado desde a graduação até aqui. Ao meu amigo André Góis pelas conversas e conselhos dados quando eu mais precisei. A Camila Araújo que me mostrou o quanto a amizade pode superar momentos difíceis. A Nayara Freitas por todo carinho e amor que se fortaleceu mesmo sem estarmos fisicamente presentes. A Giselli Freitas por me mostrar que não devemos desistir apesar de todas as dificuldades. A todos vocês e os demais que não citei aqui, meu muito obrigado!

Aos meus amigos de infância, os quais já considero como irmãos, Marcus Vinicius, Alexandre Bezerra, Fredson Weyne e Thiago Soares, dedico esta dissertação a vocês, pois me ajudaram a continuar nesse caminho difícil tendo como base as suas amizades.

Na vida, temos a sorte de estar no lugar certo e na hora certa. Por isso, deixo aqui meu agradecimento aos meus professores da Universidade Federal do Ceará, que foram fundamentais e responsáveis por essa etapa, Claudete Lima, Paulo Mosânio, Orlando Araújo, Áurea Zavam, Robert de Brose, Américo Saraiva e Ernando Pinheiro (*In memoriam*). Meu sincero obrigado!

Aos meus amigos da minha terra natal, Juliano Gadêlha, Bruna Paiva, Diego Mota, Victor Azevedo, Juliana Onofre e todos os outros que fizeram parte do meu lazer nas poucas horas que eu tinha, obrigado.

Aos meus colegas de profissão, Rogers Kyko, Diana Guerra, Hilder Lucas, Rhalison Macedo, Heverto, Cal Cerqueira, Dimitria Caminha, Jeanne Moraes, Fabíola, Luiz Neto, Victor Alan, Nilton Bonifácio e os outros que tive o prazer de encontrar durante o magistério, meu obrigado!

Aos meus amigos que fiz durante esses dois anos em São Paulo, Cássio Andrade, Aline Benevides, Wellington Santos, Thiago Chaves, Luiz Fernando Ferreira, Carina Fragozo, Raquel Silva, Paula Martins, Rafael Camacho, David Felipe, Joana Autuori e Fernanda Nogueira, eu sou muito grato pela ajuda de vocês durante esse período e pela amizade que construímos.

Aos meus amigos que fiz em São Paulo, em especial a Katherinne Silva e Fernando Goes, os quais se tornaram uma família para mim, muito obrigado pelo carinho!!!!

Por último e não menos importante, aos professores da Universidade de São Paulo, Marcos Lopes, Ana Müller, Ronald Beline, Ivã Lopes e Thomas Finbow, vocês foram essenciais pelos seus ensinamentos acadêmicos! Muito obrigado!!!

*Fora da língua natal ninguém respira amplamente – tudo o que existe
vive da existência do verbo.*

Anna de Noailles

RESUMO

OLIVEIRA, K.R.D. *Verbos defectivos no português brasileiro: Eles existem mesmo?.* 2017. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Nesta dissertação, os verbos considerados defectivos pela normatividade são o objeto de estudo em questão. O objetivo consiste em averiguar se verbos, como *banir*, *explodir*, *demolir*, *preaver*, *reaver*, dentre outros são usados defectivamente pelos falantes. Para isso, nós analisamos e estudamos o conceito de defectividade em autores da tradição brasileira, como Cunha & Cintra (2008), Bechara (2009) e em autores que estudaram a defectividade no português brasileiro por meio de teorias linguísticas, como Nevins, Damulakis e Freitas (2014) e Maiden & O’Neil (2010). Vimos que esses autores apontam causas da defectividade por questões fonológicas, morfológicas, semânticas e pragmáticas. Outros trabalhos que não tinham paradigmas verbais no português brasileiro foram fundamentais para o andamento desta pesquisa, como Baerman (2010) e Sims (2006). Dentre esses estudos analisados, procuramos abordar quais as causas identificadas pelos autores citados, dentre elas, encontramos a homofonia como um senso comum. Tratamos nossos dados dentro da teoria da gramática gerativa, como a teoria da otimalidade. Durante a nossa pesquisa, vimos que o fenômeno da defectividade ocorre de maneira desigual, pois, em alguns paradigmas verbais, falta apenas a primeira pessoa do singular do presente, enquanto em outras o paradigma apresenta apenas as formas arrizotônicas. Reanalisamos dados de pesquisas anteriores do ponto de vista fonológico, morfológico e semântico para mostrar alguns problemas nelas. Nosso estudo foi motivado porque encontramos dados os quais mostram que verbos ditos defectivos pela gramática tradicional são conjugados plenamente pelos falantes nativos. Logo, a fim de averiguar se o falante usa os mesmos verbos defectivamente como a gramática, fizemos alguns experimentos para isso. Os nossos resultados mostraram indícios de que a defectividade é vista de uma forma diferente pelo falante, pois há uma incompatibilidade parcial entre o que a gramática diz e entre o que o falante usa.

Palavras-chave: Defectividade. Paradigma. Verbos. Gramática. Falante. Português Brasileiro.

ABSTRACT

OLIVEIRA, K.R.D. *Defective verbs in Brazilian Portuguese: Do they really exist?*. 2017. Theses (Masters degree) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

The verbs considered defective by normativity are the object of study in this thesis. The goal is to verify if verbs such as: *ban*, *explode*, *demolish*, *preclude*, *retrieve*, amongst others are used by the speakers defectively. To do so, we analyzed and studied the defectiveness concept in authors from the Brazilian tradition, such as Cunha & Cintra (2008), Bechara (2009), and in authors that have studied defectiveness in Brazilian Portuguese through other linguistic theories, such as Nevins, Damulakis and Freitas (2014) and Maiden & O’Neil (2010). We have perceived that these authors point out reasons for defectiveness for phonologic, morphologic, semantic and pragmatic reasons. Other works that did not have Brazilian Portuguese verbal paradigms were fundamental for the development of this research, such as Baerman (2010) and Sims (2006). Amid the analyzed studies, we sought to approach the identified causes mentioned by the quoted authors, among them, we found the homophony as a common ground. We approached our data within the generative grammar theory, as well as the optimality theory. During our research, we saw that the defectiveness phenomenon happens in an uneven way because, in some verbal paradigms, there is only the present first-person singular missing, while in others, the paradigm presents only the forms with no stressed root. We reanalyzed the data from previous researches from the phonologic, morphologic and semantic point of view to present some of their problems. Our study was motivated by finding data that showed us that some verbs considered defective by the traditional grammar are fully conjugated by native speakers. Therefore, with the intent to verify if the speaker uses the same verbs defectively as the grammar, we made some experiments. Our results showed indications that the defectiveness is seen in a different way by the speaker, because there is a partial incompatibility between what is said by the grammar and what is used by the speaker.

Keywords: Defectiveness. Paradigm. Verbs. Grammar. Speaker. Brazilian Portuguese.

Sumário

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: Defectividade no Sistema Verbal do Português Brasileiro	22
1.1 Paradigmas verbais do PB.....	22
1.2 Verbos Regulares	23
1.3 Verbos Irregulares	25
1.3.1 Verbos Abundantes	26
1.4 Verbos Defectivos	27
1.4.1 Definição de defectividade	28
1.4.2 O que se sabe sobre a defectividade?.....	30
1.4.3 Verbos Impessoais e Unipessoais	31
1.4.4 Causas da defectividade	32
1.4.5 A defectividade no uso	35
1.5 Conclusão da seção	37
CAPÍTULO 2: Síntese da Bibliografia Fundamental	38
2.1 Defectividade	38
2.1.1 Baerman, Corbett e Brown (2010).....	39
2.1.2 Nevins, Damulakis & Freitas (2014)	43
2.1.3 Arregi & Nevins (2014).....	47
2.1.4. Sims (2006).....	50
2.1.5. Baerman (2010)	52
2.1.6 Maiden e O’Neil (2010).....	53
2.1.7 Teoria da Otimidade (TO)	55
2.1.8 Conclusão do Capítulo	55
CAPÍTULO 3: Análise dos dados em paradigmas verbais no PB.....	57
3.1 Considerações Iniciais.....	57
3.2 Análise de outros autores.....	57
3.3 Nossa proposta de análise	59
3.4. Conclusão da seção	63
CAPÍTULO 4: CONCLUSÃO	64
4.1 Nossas contribuições.....	64
4.2 Nossas limitações.....	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Análise Mórfica de estudássemos	13
Tabela 2 – Conjugação padrão do verbo explodir.....	17
Tabela 3 – Conjugação padrão do verbo reaver	17
Tabela 4 – Flexão de caso da palavra mečta do russo	19
Tabela 5 – Conjugação do verbo inquam do latim.....	19
Tabela 6 – Paradigma coloquial do verbo falir.....	20
Tabela 7 – Paradigma padrão do verbo falir em PB.....	20
Tabela 8 – Paradigma do adjetivo casado do PB.....	21
Tabela 9 – Conjugação padrão do verbo estudar	24
Tabela 10 – Conjugação padrão do verbo vender	24
Tabela 11 – Conjugação padrão do verbo partir.....	24
Tabela 12 – Conjugação padrão do verbo saber.....	25
Tabela 13 – Verbos defectivos – padrão abolir.....	29
Tabela 14 – Verbos defectivos – padrão falir.....	29
Tabela 15 – Conjugação do verbo abolir no espanhol.....	54
Tabela 16 – Conjugação do verbo dormir no espanhol	55
Tabela 17 – Modo Indicativo.....	58
Tabela 18 – Formas verbais esperadas por nós	60

INTRODUÇÃO

A classe gramatical dos verbos apresenta, em sua forma, uma série de propriedades que são expressas por meio de morfemas as quais podem ser de tempo, modo, número, pessoa, voz ou aspecto. Isso pode ser verificado nas línguas românicas. Entretanto, há línguas, como o chinês e o vietnamita, em que não ocorre flexão. Essas línguas podem apresentar morfemas auxiliares que dão noção de tempo ou aspecto, mas elas, de fato, não flexionam como no caso das línguas românicas.

No português brasileiro, doravante, PB, que é o foco dessa dissertação, Camara Jr (1970, p.104) diz que paradigma verbal apresenta uma característica múltipla e complexa no que concerne as suas flexões. Essa característica pode ser observada nos morfemas flexionais de um paradigma verbal expressando as categorias de, segundo Monteiro (2002, p.101):

- a) Modo
 - Indicativo/Subjuntivo/Imperativo
- b) Tempo
 - Presente/Passado/Futuro
- c) Número
 - Singular/Plural
- d) Pessoa
 - Primeira (Falante)/Segunda(Ouvinte)/ Terceira (Assunto)

O autor não menciona a categoria de aspecto nos verbos em PB. É possível identificar claramente a noção de aspecto de imperfeito e perfeito no PB, sendo essa uma noção aspectual, e não temporal. Ao observar as categorias acima, podemos fazer algumas conclusões: são os morfemas flexionais do verbo que os tornam diferente da categoria dos nomes, de adjetivos e pronomes. Enquanto estes apresentam categorias de gênero, número, respectivamente nessa ordem, e grau; os verbos tratam das categorias já mencionadas. Embora haja quatro categorias acima, é correto dizer que essas podem se resumir em apenas duas, pois suas noções se tornam indissociáveis ao se relacionarem. Por exemplo, a categoria de tempo está ligada diretamente a de modo. No paradigma verbal *estudássemos*, o morfema *-sse* traz consigo a noção de passado e a de possibilidade, o que corresponde ao modo subjuntivo. Outro exemplo ocorre com as categorias de número e de pessoa. Utilizando ainda o mesmo verbo acima, o morfema *-mos*

indica o número plural e a primeira pessoa. Logo, nota-se que temos um morfema correspondente para cada contexto linguístico. Esses morfemas são considerados cumulativos. Matthews (1991, p.179) chama esses morfemas de expoentes simples, como no caso da palavra *sailed* do inglês, em que o morfema *-d* pode expressar tanto passado simples ou particípio passado.

Portanto, de acordo com o parágrafo acima, utilizaremos uma fórmula de estrutura verbal proposta por Monteiro (2002, p. 102):

$$V=T(Rd) + VT) + F (DMT +DNT)^1$$

Vamos aplicar a fórmula acima com o exemplo do paradigma verbal “estudássemos”:

Tabela 1 - Análise Mórfrica de estudássemos

estud-	-a	-sse-	-mos
Rd	VT	DMT	DNP
Tema		Flexão	

Fonte: Produzido pelo autor.

Os verbos em PB apresentam essa configuração em relação a sua estrutura, mesmo que, em alguns casos, haja a presença de um morfema zero, que nas palavras de Carone (1988, p. 23) diz que:

Como vimos até agora, o morfema concretiza-se em um morfe de configuração fonemática, que é um segmento de vocábulo (in-abal-á-vel), ou, eventualmente, tem a extensão do próprio vocábulo (de, que, paz, mês, flor, fel). No entanto, verificam-se casos em que o morfema não se realiza por meio de fonemas, mas existe e atua, por confronto com outro que lhe é oposto. O singular dos nomes, em português, não se concretiza em um ponto do vocábulo, mas está presente como categoria de número, o que se comprova pelo confronto com o plural: livro-s/livro- Ø. O ponto que, no plural, é marcado pelo morfema -s, no singular é um conjunto vazio, que representamos pelo símbolo Ø e denominamos morfema zero.

Considerado que os paradigmas, sejam de natureza verbal ou nominal, têm uma célula disponível para o preenchimento de um conteúdo, como vimos na tabela acima, então essa célula deve ser preenchida por uma forma que indique o conteúdo que há nela. Tomemos

¹ Nessa fórmula, o autor indica V para verbo, T para tema, Rd para radical, F para flexão, DMT para desinência modo-temporal e DNP para desinência número – pessoal.

o pronome pessoal de primeira pessoa do singular como exemplo. Para cada contexto diferente, deve haver uma forma flexionada correspondente. No caso dos pronomes, em contexto de pessoa verbal, há a forma *eu* que sempre indica o sujeito de uma oração. Já em caso acusativo, temos a forma *me* que sempre indica o objeto de uma oração. E por último, em caso dativo, há a forma “mim” que também é objeto da oração, mas só aparece antecedido de preposição.

Ademais, podemos ressaltar o que Borba (1984, p.160) diz sobre a funcionalidade dos morfemas na língua: “*O conjunto dos morfemas de uma língua mais seus processos combinatórios cumprem uma dupla finalidade: (i) estruturar e enriquecer o léxico e (ii) possibilitar a indicação de valores gramaticais.*” Nessa dupla função dos morfemas, vale destacar que existem dois tipos de morfemas: os flexionais e os derivacionais.

A diferença entre esses dois tipos de morfemas é feita pelo gramático latino Varrão que diferencia o processo de *derivatio naturalis*, que indica a manifestação de modalidades específicas de uma dada palavra em contextos sintáticos distintos; do processo de *derivatio voluntaria*, que indica a criação de novas palavras. Por isso, é correto afirmar que o aquele processo ficou conhecido como flexão e este processo, derivação.

Vamos destacar aqui as características de cada tipo de processo mencionado anteriormente.

A derivação é um processo morfológico que trabalha com a estrutura interna de uma palavra. Esse processo tem como objetivo criar uma nova palavra a partir de uma base. Por exemplo, se utilizarmos a palavra *estudar*, podemos criar outras palavras, como *estudioso*, *estudante* e *estudo*. Notamos que todas essas palavras têm como base a raiz *estud-* para suas formações.

Uma segunda característica do processo de derivação é que as novas palavras podem ter uma mudança de categoria. Enquanto *estudar* pertence à categoria dos verbos, as palavras *estudioso*, *estudante* e *estudo* pertencem às classes dos adjetivos e substantivos respectivamente.

Uma terceira característica é o acréscimo de um novo significado à palavra nova criada. O verbo *estudar* indica o ato de procurar ou adquirir o conhecimento de algo. Já a palavra *estudioso* tem o significado de alguém que se dedica profundamente a conhecer alguma coisa. O termo *estudante* se refere à pessoa que pratica o ato de adquirir conhecimento. E por último, o vocábulo *estudo* indica o conhecimento adquirido de algo ou alguma coisa.

A quarta característica da derivação é a não previsibilidade do processo. Não há como estabelecer um padrão durante o processo de derivação de uma palavra, pois cada palavra nova não foi criada de uma forma igual, como acréscimo de afixo ou redução/acrécimo de morfema.

Dependendo do quadro teórico, pode-se dizer que a derivação não tem conexão com a sintaxe. A relação entre morfologia e sintaxe é complicada. Por exemplo, teorias como a Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993) tratam o processo de formação de palavras como um processo sintático. Já a hipótese lexicalista de Chomsky (1970) apresenta condições para o tratamento da morfologia de línguas naturais como autônoma dentro do quadro da teoria gerativa. Logo, essa quinta característica mostra que a derivação pode ser considerada independente de qualquer contexto sintático dependendo do quadro teórico a que se referir. Iremos adotar aqui que a sintaxe não olha para a estrutura derivacional da palavra, como afirma o modelo de Chomsky.

E por último, podemos afirmar que a derivação é um processo facultativo ao falante no sistema linguístico. Entretanto, veremos que o processo de flexão é o oposto do que vimos anteriormente.

Enquanto a derivação resulta numa nova palavra, a flexão não. O que ocorre é uma mudança na forma do paradigma de uma mesma palavra. Por exemplo, o verbo *amar* em contexto de presente do indicativo apresenta formas, como *amo*, *amas*, *ama*, *amamos*, *amais* e *amam*. Não há como dizer que são novas palavras, mas sim noções gramaticais distintas. Logo, além de afirmar que não há uma nova palavra, também é possível dizer que não ocorre uma mudança de categoria como acontece na derivação e também que a flexão de palavras é um processo previsível.

Na flexão, é possível perceber uma influência da sintaxe nesse processo. Por exemplo, uma palavra como “aluno”. Ao colocarmos numa frase: “**O** aluno **realizou** a prova de que precisava.”, note que a flexão de número do substantivo determina a flexão de número do verbo. Ou seja, há um indício de conexão com a sintaxe.

Por último, os morfemas flexionais obedecem a um padrão da língua no PB. Eles geralmente ocorrem depois dos morfemas derivacionais numa palavra. O vocábulo *professores*, em uma análise mórfica, tem a seguinte estrutura: *profess* (raiz) + *or* (morfema derivacional) + *es* (morfema flexional).

Apesar de existirem diferenças entre ambos os processos, há autores que seguem numa direção contrária, considerando que não existe uma oposição entre derivação e flexão e sim uma dicotomia, ou seja, um processo complementa o outro. Camara Jr (1970, p. 40) diz que “*A gramática greco-latina não resolveu com nitidez e rigor o problema da decomposição mórfica do vocábulo, embora percebesse o processo da flexão casual, na declinação do nome, e o da criação de um vocábulo mais simples.*”

Portanto, observando os fatos acima sobre a morfologia das línguas, podemos dizer que é esperado que os paradigmas tenham suas células preenchidas por algum tipo de morfema, geralmente na flexão, visto que a derivação é um processo facultativo, a fim de expressar o significado do conteúdo daquela célula. Porém, alguns casos mostram que nem sempre a célula de um paradigma é preenchida por algum morfema, deixando uma lacuna ou uma “falha” no paradigma. Com base nessas observações, esta dissertação aborda esse tipo de situação que é definida na literatura como o fenômeno da defectividade.

Durante a flexão de verbos em línguas naturais, alguns paradigmas podem exibir “falhas” ou a falta de algumas formas verbais, sendo denominados de *defectivos*. A causa desse fenômeno, qual(is) condição(ões) para ocorrer e como suprir a falta dessas formas serão discutidos mais adiante. Portanto, a presente pesquisa investiga a defectividade nos verbos do PB de um ponto de vista sincrônico visto que o que há na literatura sobre esse assunto é algo restrito e, em alguns casos, é abordado demasiadamente com carácter taxionômico.

Entende-se como defectividade a ausência de uma ou mais formas de um mesmo paradigma, seja ele flexional ou derivacional², lembrando que esse fenômeno é mais comum no processo da flexão, pois este é tido como obrigatório no sistema da língua. Mesmo assim, é possível encontrar casos de defectividade na derivação, mas não é o foco dessa dissertação. Por exemplo, no PB, os verbos considerados como defectivos não apresentam uma conjugação completa, ou seja, esses verbos não se conjugam em todas as formas correspondentes ao tempo, modo, número ou pessoa. Por exemplo, o verbo *explodir*, de acordo com a norma gramatical (Cunha & Cintra, 2008; Bechara, 2006; Rocha Lima, 1996; Said Ali, 1931; Santos, 1989) é considerado defectivo, como podemos notar na Tabela 2:

² A presente pesquisa não irá abordar a ocorrência ou não de paradigmas derivacionais defectivos em português ou em outra língua natural. No entanto, para alguns autores, paradigmas derivacionais podem ser defectivos. Laks (2009), por exemplo, analisando a formação de verbos causativos do hebraico sob a perspectiva lexicalista de um modelo morfológico baseado na palavra, sugere que restrições morfo-fonológicas podem se aplicar nesse caso, bloqueando derivações possíveis para alguns verbos, que o autor trata como defectivos para esse tipo de derivação.

Tabela 2 – Conjugação padrão do verbo *explodir*

	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo.	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
1 ^a p sg.	Ø	Ø	Ø	Ø
2 ^a p sg.	<i>explodes</i>	Ø	<i>explode</i>	Ø
3 ^a p sg.	<i>explode</i>	Ø	Ø	Ø
1 ^a p pl.	<i>explodimos</i>	Ø	Ø	Ø
2 ^a p pl.	<i>explodis</i>	Ø	<i>explodi</i>	Ø
3 ^a p pl.	<i>explodem</i>	Ø	Ø	Ø

Fonte: Produzido pelo autor.

Podemos observar que na Tabela 2, o paradigma do verbo *explodir* tem um espaço vazio no contexto de primeira pessoa do singular e nas demais formas que seriam criadas com base nessa lacuna desse paradigma.

Na Tabela 3, temos o exemplo do verbo *reaver*, que também é considerado defectivo:

Tabela 3 – Conjugação padrão do verbo *reaver*

	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo.	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
1 ^a p sg.	Ø	Ø	Ø	Ø
2 ^a p sg.	Ø	Ø	Ø	Ø
3 ^a p sg.	Ø	Ø	Ø	Ø
1 ^a p pl.	<i>reavemos</i>	Ø	Ø	Ø
2 ^a p pl.	<i>reaveis</i>	Ø	<i>reavei</i>	Ø
3 ^a p pl.	Ø	Ø	Ø	Ø

Fonte: Produzido pelo autor.

No caso do verbo *reaver*, podemos perceber, em comparação ao verbo na tabela 1, que esse paradigma tem mais lacunas do que aquele, ou seja, podemos dizer que, se houvesse um grau de defectividade, esse verbo seria mais defectivo do que aquele. A comparação entre esses dois paradigmas também nos permite afirmar que a defectividade não ocorre de forma igual nos verbos.

Após apresentar esses casos de defectividade nos paradigmas verbais do PB, é importante chamar a atenção para o fato de estar ocorrendo uma profunda modificação nas conjugações verbais, tal como é colocado pela tradição das gramáticas brasileiras. Trabalhos na área da linguística, como os que vamos citar no capítulo 2, de Nevins, Damulakis e Freitas (2014) e Maiden & O’Neil (2010) também trazem dados que comprovam o enfraquecimento da flexão verbal no PB. Essa modificação vai resultar numa revisão de alguns conceitos gramáticas na parte da morfologia, citando a defectividade como exemplo. Monteiro (2002) fala sobre o baixo uso da segunda pessoa do singular e o desuso da segunda pessoa do plural,

resultando num processo de neutralização morfológica desses morfemas por meio da introdução de outros morfemas, como *você* e *a gente*. Ademais, também estão ocorrendo mudanças no uso de alguns tempos verbais. Por exemplo, o uso do pretérito mais-que-perfeito na sua forma simples é dificilmente usado; o pretérito imperfeito do indicativo está sendo utilizado no lugar do futuro do pretérito; o futuro do presente também está sendo substituído pelo presente do indicativo ou por perífrases. Então, é preciso se atentar a esses fatores, pois a própria defectividade no PB está passando por algumas mudanças. Rodrigues Lapa (1991), um filólogo português, comenta a respeito dessas mudanças dizendo que:

Deve notar-se, a este respeito, que no Brasil parece haver mais audácia no uso dos defectivos. Num jornal carioca lia-se ainda há pouco: ‘É indispensável que o Governo aja com energia’, e um escritor, Antonio Callado, não hesita em escrever: ‘Eu vou botar os camponeses na rua. O Governo não age, ajo eu’ (*Quarup*, 4ª ed., pág. 320). Em Portugal ainda não se chegou a este ponto, empregando-se naquele caso formas como ‘atue’ ou ‘proceda’, para evitar a confusão com ‘haja’, do verbo ‘haver’” (pág. 195 da 8ª edição, Coimbra Editora, 1975).

Portanto, embora tenhamos citado alguns paradigmas verbais de conjugações de acordo com a norma, estamos cientes de que iremos considerar essas mudanças para o andamento desta pesquisa.

A defectividade não é um fenômeno exclusivamente verbal. Em (3), no russo, o nome *mečta*, que significa sonho, é tomado como defectivo devido à ausência da forma de Caso genitivo plural, como mostra a representação abaixo³:

³ Exemplo retirado de BAERMAN, CORBETT, & BROWN (2010, p. 1)

Tabela 4 – Flexão de caso da palavra *mečta* do russo

	Singular	Plural
Nominativo	<i>mečta</i>	<i>mečty</i>
Acusativo	<i>mečtu</i>	<i>mečty</i>
Genitivo	<i>mečty</i>	Ø ⁴
Dativo	<i>mečte</i>	<i>mečtam</i>
Locativo	<i>mečte</i>	<i>mečtax</i>
Instrumental	<i>mečtoj</i>	<i>mečtami</i>

Fonte: Produzido pelo autor.

Cabe observar, ainda, que, em algumas tribos australianas, a defectividade pode ter motivação extra-linguística. Assim, por exemplo, quando uma pessoa morre, os povos dessas tribos deixam de pronunciar o nome do falecido durante o período de luto (cf. GUÉRIOS, 1979, p.122). Ou seja, o nome da pessoa torna-se defectivo por um período de tempo, sugerindo que a defectividade pode ter suas causas fora do campo linguístico em certos contextos. No holandês, há uma lista de paradigmas verbais que só apresenta verbos no infinitivo, como o *bloemlezen*, que significa *fazer uma antologia*. No francês, há verbos que não apresentam todos os tempos. Por exemplo, o verbo *frir* (fritar) não tem formas de plural no presente do indicativo. No latim, segundo Cart *et al* (1986, p.71), alguns verbos eram defectivos nas formas de perfeito ou supino⁵, como ocorre com o verbo *inquam* (*dizer*) na tabela abaixo:

Tabela 5 – Conjugação do verbo *inquam* do latim

	Pres do Indic.	Pret. Imperf.	Fut. Imperf	Pret. Perf.
1 ^a p sg.	<i>inquam</i>	Ø	Ø	Ø
2 ^a p sg	<i>inquīs</i>	Ø	<i>inquiēs</i>	<i>inquistī</i>
3 ^a p sg	<i>inquit</i>	<i>inquiēbat</i>	<i>inquiet</i>	<i>inquit</i>
1 ^a p pl	Ø	Ø	Ø	Ø
2 ^a p pl	Ø	Ø	Ø	Ø
3 ^a p pl	<i>inquiunt</i>	Ø	Ø	Ø

Fonte: Produzido pelo autor.

Nevins, Damulakis & Freitas (2014), doravante, NDF, apontam que o português e o espanhol são conhecidos por seus verbos defectivos em formas originadas a partir do presente do indicativo, portanto, presente do subjuntivo e imperativos afirmativo e negativo como foi dito anteriormente no início da seção. É importante ressaltar há uma motivação a fim de considerar o presente do indicativo como tempo primitivo de outros como presente do subjuntivo e ambos os imperativos. Albright (2008a) mostra a questão da primeira pessoa do

⁴ Em alguns contextos, usa-se a forma *mečtenii* para genitivo plural por meio da nominalização *mečtenie*.

⁵ Apesar de mencionar o supino latino, o autor não traz exemplos de defectividade nesse contexto.

presente do singular do indicativo ser mais frequente e, assim, servir como base para formação de outras palavras dentro de um paradigma.

Na tabela 6, trazemos um paradigma de conjugação do verbo *falir*, porém, de uma forma coloquial, fugindo do que é descrito pela norma gramatical:

Tabela 6 – Paradigma coloquial do verbo falir

	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo.	Imperativo
1 ^a p sg.	Ø	Ø	Ø
2 ^a p sg	Ø	Ø	Ø
3 ^a p sg	Ø	Ø	Ø
1 ^a p pl	<i>falimos</i>	Ø	Ø
2 ^a p pl	Ø	Ø	Ø
3 ^a p pl	Ø	Ø	Ø

Fonte: Produzido pelo autor.

O modelo da tabela 6 exibe os registros coloquiais para as formas de segunda pessoa do singular e do plural. O paradigma abaixo exibe o registro padrão para essas formas: *tu* ainda tem uso frequente em algumas regiões do Brasil (no estado do Rio Grande do Sul e nas regiões do NE, por exemplo), diferentemente de *vós*:

Tabela 7 – Paradigma padrão do verbo falir em PB

	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo.	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
1 ^a p sg.	Ø	Ø	Ø	Ø
2 ^a p sg	Ø	Ø	Ø	Ø
3 ^a p sg	Ø	Ø	Ø	Ø
1 ^a p pl	<i>falimos</i>	Ø	Ø	Ø
2 ^a p pl	<i>falis</i>	Ø	<i>fali</i>	Ø
3 ^a p pl	Ø	Ø	Ø	Ø

Fonte: Produzido pelo autor.

Percebe-se que a defectividade ocorre, de acordo com os exemplos mencionados, tanto em formas verbais (cf. **Erro! Fonte de referência não encontrada.**), como em formas nominais (cf.(4)). Portanto, podemos afirmar de acordo com os dados mencionados anteriormente que a defectividade não é um fenômeno que ocorre apenas em verbos. No PB, também podemos notar que alguns adjetivos flexionam em número e gênero, mas apresentam uma lacuna na flexão de grau, como mostra o exemplo a seguir:

Tabela 8 – Paradigma do adjetivo casado do PB

Adjetivo							
Gênero		Número Masc.		Número Fem.		Grau	
Masculino	feminino	singular	plural	singular	plural	comparativo	superlativo
<i>Casado</i>	<i>casada</i>	<i>casado</i>	<i>casados</i>	<i>casada</i>	<i>casadas</i>	Ø	Ø

Fonte: Produzido pelo autor.

Portanto, de acordo com os dados apresentados anteriormente, podemos afirmar que esse fenômeno linguístico é comum em paradigmas flexionais, de modo geral. Entretanto, não é tão raro se deparar com algumas formas, no caso dos verbos, sendo conjugadas pelos falantes, como a forma *eu bano* ou *eu explodo*, ditas defectivas pela norma culta do PB. Ademais, levando em consideração que a língua é suscetível a mudanças e que também não há um falante ideal como propõe a teoria chomskiana, a noção de defectividade, pelo menos no PB, é algo questionável. É importante ressaltar que a gramática gerativa de Chomsky traz a proposta de que há uma Gramática Universal (GU) que traz aspectos sintáticos tidos como comuns a todas as línguas do mundo. Logo, há um falante considerado como ideal, capaz de reconhecer, interpretar e produzir signos linguísticos utilizando as propriedades universais de sua gramática.

Do que se disse acima, levantamos as seguintes questões para esta pesquisa:

- Quais as causas para essas formas defectivas?
- O falante usa “defectivamente” os mesmos verbos que a norma classifica como defectivos?
- A defectividade existe no PB ou há formas disponíveis, porém evitadas pelo falante por algum motivo?

A partir das questões apresentadas acima, o presente trabalho irá investigar o fenômeno da defectividade nas formas verbais no PB. Acreditamos que, com o desenvolvimento da presente pesquisa, estaremos contribuindo para ampliar o escopo dos estudos sobre o sistema flexional verbal do PB, no que se refere, particularmente, a fenômenos como o mencionado anteriormente. Mais ainda, essa pesquisa poderá trazer mais informações que não sejam aquelas expostas e concentradas apenas na gramática normativa, pois percebemos que esse assunto é pouco discutido, pois há um número reduzido de trabalhos que tratam desse tema no PB, de forma subjetiva entre autores, visto que não há um consenso entre eles sobre o que é ou quais formas são defectivas.

CAPÍTULO 1: Defectividade no Sistema Verbal do Português Brasileiro

O sistema verbal no PB tem caráter complexo, pois traz uma vasta série de informações na conjugação de um verbo. Essas informações vão ser expressas por meio de morfemas. Levando em consideração o morfema lexical ou também chamado de raiz, o paradigma verbal é diferenciado em categorias devido à raiz sofrer ou não modificações. Quando essa raiz não sofre modificação durante a sua conjugação, o verbo em questão será classificado de regular. Os que apresentam modificação serão classificados de irregulares. Entretanto, a classe dos irregulares apresenta uma subclassificação, porque há diferentes tipos de irregularidades que um verbo pode apresentar.

Esta seção vai tratar do fenômeno da defectividade na classe gramatical dos verbos em PB. Em primeiro lugar, discutiremos a defectividade no sistema verbal do PB: apresentaremos algumas características da classe gramatical dos verbos e mostraremos como a defectividade se manifesta dentro dessa classe. Posteriormente, mostraremos o ponto de vista e análise de alguns autores da tradição gramatical e também do ponto de vista linguístico a respeito do fenômeno citado em paradigmas verbais do PB e, por último, apresentaremos alguns dados que nos chamaram a atenção sobre a defectividade em verbos no PB, pois não se enquadram nas explicações sugeridas anteriormente.

1.1 Paradigmas verbais do PB

Diferentemente dos nomes, os verbos são a classe gramatical com flexão mais rica em morfologia no PB, com um paradigma muito maior que o de substantivos e adjetivos. Esses paradigmas apresentam marcas gramaticais de tempo, modo, por um lado, e número e pessoa pelo outro. É interessante dizer aqui que há dois tipos de flexão: inerente e contextual. O autor Booij (1996) faz uma diferenciação entre esses dois tipos de flexão utilizando como critério chave a relevância dessas flexões para a sintaxe. O autor afirma que a flexão de número em nomes, a de grau para adjetivos e tempo, aspecto, infinitivo e particípio em verbos são exemplos de flexão inerente, pois ela é mais relevante para a formação de palavras. Já a flexão de número e pessoa nos verbos e as marcas de concordância em adjetivos e nomes são exemplos de flexão contextual.

De acordo com Câmara Jr. (1981), essas noções são expressas por morfemas flexionais, como podemos ver em (1):

$$(1) \text{ T (R + VT) + SF (SMT + SNP)}^6$$

Em relação às formas flexionadas existentes nos paradigmas verbais, vamos adotar aqui a classificação que Cunha & Cintra (1985, p. 384) fazem dos verbos no PB em quatro tipos:

Os REGULARES flexionam-se de acordo com o PARADIGMA, modelo que representa o tipo comum da conjugação[...].

São IRREGULARES os verbos que se afastam do paradigma de sua conjugação[...].

Verbos DEFECTIVOS são aqueles que não têm certas formas [...] Entre os DEFECTIVOS costumam os gramáticos incluir os UNIPessoais, especialmente os IMPESSOais, usados apenas na 3ª pessoa do singular [...].

ABUNDANTES são os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes. De regra, essa abundância ocorre no participípio.

1.2 Verbos Regulares

Dentre a classe gramatical dos verbos, há autores como Cunha & Cintra (1985, p. 377) que estabelecem categorias para esses tipos de verbos. Esses autores dividem os verbos regulares em: os regulares derivados a partir do presente do indicativo; os derivados do perfeito do indicativo e os derivados do infinitivo. Para os autores, essa divisão é feita com base na explicação de que, no PB, os verbos têm três tempos que são considerados primitivos e os demais, derivados. Podemos encontrar essa afirmação em Câmara Jr. (1969, *forma primitiva*):

Na conjugação verbal, em português, há certas formas primitivas cujo radical se repete num determinado grupo de outras: - 1) 1ª pessoa singular do indicativo presente, cujo radical se repete no subjuntivo presente [...] 2) 2ª pessoa singular do indicativo pretérito perfeito, cujo radical se repete no pretérito mais-que-perfeito, subjuntivo pretérito e subjuntivo futuro [...] 3) *infinitivo*, cujo radical se repete nos futuros do indicativo [...]

O conceito de “forma primitiva” é sincrônico, de sorte que a forma primitiva não é a gênese das formas que delas se tiram, necessariamente.

Assim, se o padrão de conjugação do verbo não exhibe, por exemplo alterações na forma de sua raiz (alterações de acento ou em alguma vogal da raiz, por exemplo), ou seja, alomorfa, ele é considerado regular. Vale ressaltar que os verbos pertencentes à primeira

⁶ T = tema do verbo; R = radical; VT = vogal temática; SF = sufixo flexional; SMT = sufixo modo-temporal; SNP = sufixo número-pessoal.

conjugação, os que terminam em *-ar*, são, em sua maioria, regulares. Vamos observar o padrão de conjugação de verbos das três conjugações como *estudar*, *vender* e *partir* nas tabelas 9, 10 e 11 respectivamente:

Tabela 9 – Conjugação padrão do verbo estudar

	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo.	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
1ª p sg.	<i>estudo</i>	<i>estude</i>	Ø	Ø
2ª p sg.	<i>estudas</i>	<i>estudes</i>	<i>estuda</i>	<i>estudes</i>
3ª p sg.	<i>estuda</i>	<i>estude</i>	<i>estude</i>	<i>estude</i>
1ª p pl.	<i>estudamos</i>	<i>estudemos</i>	<i>estudemos</i>	<i>estudemos</i>
2ª p pl.	<i>estudais</i>	<i>estudeis</i>	<i>estudai</i>	<i>estudeis</i>
3ª p pl.	<i>estudam</i>	<i>estudem</i>	<i>estudem</i>	<i>estudem</i>

Fonte: Produzido pelo autor.

Tabela 10 – Conjugação padrão do verbo vender

	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo.	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
1ª p sg.	<i>vendo</i>	<i>venda</i>	Ø	Ø
2ª p sg.	<i>vendes</i>	<i>vendas</i>	<i>vende</i>	<i>vendas</i>
3ª p sg.	<i>vende</i>	<i>venda</i>	<i>venda</i>	<i>venda</i>
1ª p pl.	<i>vendemos</i>	<i>vendamos</i>	<i>vendamos</i>	<i>vendamos</i>
2ª p pl.	<i>vendeis</i>	<i>vendais</i>	<i>vendei</i>	<i>vendais</i>
3ª p pl.	<i>vendem</i>	<i>vendam</i>	<i>vendam</i>	<i>vendam</i>

Fonte: Produzido pelo autor.

Tabela 11 – Conjugação padrão do verbo partir

	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo.	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
1ª p sg.	<i>parto</i>	<i>parta</i>	Ø	Ø
2ª p sg.	<i>partes</i>	<i>partas</i>	<i>parte</i>	<i>partas</i>
3ª p sg.	<i>parte</i>	<i>parta</i>	<i>parta</i>	<i>parta</i>
1ª p pl.	<i>partimos</i>	<i>partamos</i>	<i>partamos</i>	<i>partamos</i>
2ª p pl.	<i>partis</i>	<i>partais</i>	<i>parti</i>	<i>partais</i>
3ª p pl.	<i>partem</i>	<i>partam</i>	<i>partam</i>	<i>partam</i>

Fonte: Produzido pelo autor.

Consideramos, aqui, os mesmos contextos de tempo e modo verbal dos verbos defectivos a fim de comparar a ocorrência de outros tipos de verbos com estes. Logo, podemos notar que não há qualquer alteração nas raízes de *estud-* do verbo *estudar*, de *vend-* do verbo *vender* e de *part-* do verbo *partir* nos contextos apresentados no exemplo, apresentado uma regularidade durante sua flexão.

1.3 Verbos Irregulares

Os verbos considerados irregulares são aqueles que apresentam uma variação na raiz durante a sua flexão, como podemos notar no verbo *saber* na tabela abaixo:

Tabela 12 – Conjugação padrão do verbo saber

	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo.	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
1 ^a p sg.	<i>sei</i>	<i>saiba</i>	Ø	Ø
2 ^a p sg.	<i>sabes</i>	<i>saibas</i>	<i>sabe</i>	<i>saibas</i>
3 ^a p sg.	<i>sabe</i>	<i>saiba</i>	<i>saiba</i>	<i>saiba</i>
1 ^a p pl.	<i>sabemos</i>	<i>saibamos</i>	<i>saibamos</i>	<i>saibamos</i>
2 ^a p pl.	<i>sabeis</i>	<i>saibais</i>	<i>sabei</i>	<i>saibais</i>
3 ^a p pl.	<i>sabem</i>	<i>saibam</i>	<i>saibam</i>	<i>saibam</i>

Fonte: Produzido pelo autor.

Podemos ver que há uma forma diferente da raiz no contexto de primeira pessoa do singular do presente do indicativo por meio da forma *sei* em comparação com os demais radicais do referido tempo. Também há uma mudança no radical em contexto de presente do subjuntivo com a forma *saiba*. Embora não tenha sido colocado na tabela 12, mas merece destaque para corroborar a nossa explicação, há uma terceira forma de radical do verbo *saber* em contexto de passado perfeito do indicativo que é a forma *soube*. Portanto, podemos afirmar que o verbo *saber* apresenta uma irregularidade na sua flexão. Entretanto, há outros exemplos de verbos que levantam o questionamento de ser considerados como irregulares, pois, em sua definição, não uma explicação se o termo “variação” se refere a apenas na questão morfológica ou se refere a qualquer tipo de variação, como morfofonológica. Por exemplo, se pegarmos os verbos *beber* e *dormir*, podemos notar que há uma alternância vocálica nas formas de primeira pessoa em relação às outras do paradigma, como em *eu b[e]bo* e *ele/ela b[ε]be* ou *eu d[u]rmo* e *ele/ela d[ɔ]rme*. Vale ressaltar que essa última alternância é marcada ortograficamente. Não há muitos autores que falam dessa questão de irregularidade e alternância vocálica, porém os que falam, como Bechara (1999), Perini (2002) e Wetzels (1991) comentam de modo marginal essa mudança de som em variações brasileiras.

Outra questão sobre os verbos tidos como irregulares é que, mesmo havendo essa fuga do paradigma padrão, esse tipo de verbo é vulnerável a um padrão como diz a definição mattosiana:

A irregularidade verbal deve, com efeito, ser conceituada como uma variação morfológica imprevisível em face dos padrões gerais, ou regulares, da conjugação. Assim entendida como um desvio do padrão geral morfológico ela não deixa de ser regular no sentido de que é suscetível de uma padronização também. (Câmara Jr., 1972, p. 106)

Ainda sobre os verbos irregulares, podemos encontrar alguns que apresentam tamanha irregularidade que não é possível recuperar a forma da raiz do paradigma padrão. A esses, classificaremos de verbos anômalos. Por exemplo, o verbo *ir* apresenta, em sua conjugação, três tipos de raízes distintas, como *vou*, *fui* e *ir*. Podemos associar essas formas às raízes do latim *vadēre*, *ēsse* e *ire*. Outro exemplo de anômalo é o verbo *ser* que tem raízes, como *sou* e *é*. Também é possível associar essas formas às raízes do latim *sedēre* e *ēsse*. Não resta dúvidas de que o verbo anômalo é um subtipo de verbo irregular, como se a irregularidade afetasse toda a raiz do verbo, enquanto naquele, isso não acontece.

A questão de diferenciar ou não os verbos irregulares dos anômalos, nos parece, se tratar de algo além de uma questão simplesmente terminológica, pois há de se ter cuidado com os conceitos que são empregados.

1.3.1 Verbos Abundantes

No PB, há casos de verbos que preenchem a mesma célula do paradigma de um verbo. Esses verbos são classificados como abundantes. Podemos encontrar exemplo desses tipos de verbos em contexto de particípio passado (ou, simplesmente, particípio) em maiores ocorrências. Por exemplo, os verbos *entregar* ou *limpar*, para os quais são previstas as formas participiais *entregue* e *entregado* também dispõem das formas *limpo* e *limpado*. A formação desse tipo de verbo ocorre de duas maneiras: uma faz por meio do acréscimo do sufixo *-d(o)* para verbos da 1ª, 2ª e 3ª conjugação, como em *aceitado* do verbo *aceitar*, *elegido* do verbo *eleger* e, por último, *imprimido* do verbo *imprimir*. Essa é considerada como a padrão ou regular, segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Note também que todas elas têm seu acento tônico fora da raiz, ou seja, são formas arrizotônicas. A outra maneira acontece de forma irregular ou supletiva. Não há um morfema para esse tipo de particípio, o que acontece é uma redução na palavra e a terminação predominante da vogal *-o* ou *-a*, dependendo da concordância de gênero. Ao utilizar os três verbos do padrão regular, teremos as formas *aceito/a*, *eleito/a* e *impresso/a* para o particípio irregular. O segundo tipo de particípio tem o seu acento tônico na raiz, ou seja, é uma forma rizotônica.

Alguns gramáticos e outros teóricos da tradição normativa utilizam a voz verbal como critério para saber quando usar o particípio regular ou irregular. Segundo a NGB, usa-se o particípio regular na voz ativa e o irregular na passiva. Logo, teríamos frases como em:

(2) Eu tinha *aceitado* a proposta do banco.

(3) A proposta do banco foi *aceita* por mim.

Porém, não é difícil encontrar casos em que o particípio irregular é usado em frases na voz ativa sem nenhum tipo de problema. Silva (2008), por exemplo, traz em sua pesquisa um estudo sobre as formas mais recorrentes de particípios em construções verbais no PB. Ademais, ela também faz uma análise comparativa entre o que os falantes produzem, em relação ao uso do particípio e o que é dito pela gramática normativa. Observe o exemplo em (4):

(4) Eu tinha *aceito* a proposta do banco.

Chagas de Souza (2011) considera o particípio em (4) como particípio atemático, já que não tem uma vogal temática. O autor apresenta algumas particularidades desse tipo de particípio, afirmando que os verbos de particípio duplo não apresentam alomorfa do radical quando são da primeira conjugação, o que não acontece com verbos da segunda e terceira conjugação. Para Chagas de Souza, esses verbos têm uma explicação histórica na questão da alomorfa. O autor diz:

O outro padrão de verbos com particípios duplos é encontrado com verbos da segunda e da terceira conjugação. Esse padrão normalmente apresenta alternâncias consonantais herdadas do latim, como em *prender*, com os particípios *prendido* e *preso*, sendo este último o resultado regular do particípio latino *prehensu-*, e aquele um particípio regularizado produzido analogicamente. (Chagas de Sousa, 2011, p. 4)

O foco do trabalho do autor vai ser analisar, então, as formas de particípios atemáticos dentro um fenômeno denominado de sincretismo, já que a forma *aceito* pode indicar tanto particípio irregular como também a primeira pessoa do presente do indicativo.

1.4 Verbos Defectivos

Nesta seção, iremos detalhar as informações sobre a defectividade em paradigmas verbais do PB, pois é o foco desta dissertação.

1.4.1 Definição de defectividade

Traremos aqui algumas definições sobre a defectividade de autores que trataram desse tema em paradigmas verbais no PB e, depois, trarei a minha definição sobre o tema.

Assumindo um ponto de vista normativo para a gramática, Bechara (2009) descreve a defectividade em paradigmas verbais da seguinte forma:

Defectivo é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: *colorir*, *precaver-se*, *reaver*, etc. É preciso não confundi-lo com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que, como veremos, só se usam nas terceiras pessoas. A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a eufonia e a significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.^a pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.^a pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.^a conj. que se encontra a maioria dos verbos defectivos. (BECHARA, 2009, p. 188)

Bechara ressalta que é preciso evitar a confusão dos verbos defectivos com aqueles que são chamados de impessoais e unipessoais, porém, o autor não fornece esclarecimentos para diferenciar esses tipos de verbos. De acordo com Schaff Filho (2003), os verbos impessoais são considerados um tipo de verbo defectivo, pois, segundo a gramática latina que se baseia, aqueles verbos são flexionados apenas nas formas de 3.^a pessoa do singular. Aqui consideramos que, para ser um verbo defectivo, deve haver qualquer tipo de lacuna dentro um paradigma de uma palavra independente de qual seja o motivo. Logo, não consideramos a distinção feita pelos autores acima.

Para Cunha & Cintra (2008), é necessário separar os verbos defectivos em dois grupos devido a critérios morfológicos:

1.^a grupo: Verbos que não possuem a 1.^a pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente⁷, nenhuma das pessoas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO nem as formas do IMPERATIVO que delas se derivam, isto é, todas as do IMPERATIVO NEGATIVO e três do IMPERATIVO AFIRMATIVO: a 3.^a pessoa do singular e a 1.^a e 3.^a do plural. Os verbos *abolir*, *banir*, *colorir*, *imergir*, *ungir*, *demolir*, entre outros, conjugam-se da mesma forma, que vem exemplificada por meio da conjugação de *abolir* (verbo escolhido aqui para representar o padrão de verbos desse primeiro tipo) na tabela em (12), abaixo. (Cunha & Cintra, 2008, p. 460)

⁷ A assunção dos autores de que a defectividade do paradigma deriva da lacuna referente à primeira pessoa do singular do presente do indicativo será investigada com cuidado no decorrer do trabalho.

Tabela 13 – Verbos defectivos – padrão abolir

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente		Afirmativo	Negativo
--	--	--	--
<i>aboles</i>	--	<i>abole</i>	--
<i>abole</i>	--	--	--
<i>abolimos</i>	--	--	--
<i>abolis</i>	--	<i>aboli</i>	--
<i>abolem</i>	--	--	--

Fonte: Produzido pelo autor.

2ª grupo: Verbos que, no presente do indicativo, só apresentam a conjugação em formas arrizotônicas⁸. Para os verbos deste segundo grupo, não há formas para o presente do subjuntivo nem para o imperativo negativo; além disso, apresentam somente a 2ª pessoa do plural para o imperativo afirmativo. O verbo *falir* (escolhido aqui para representar o padrão de verbos do segundo tipo) e outros como *precarer*, *reaver* e etc. conjugam-se da mesma forma. (Cunha & Cintra, 2008, p.460)

Tabela 14 – Verbos defectivos – padrão falir

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente		Afirmativo	Negativo
--	--	--	--
--	--	--	--
--	--	--	--
<i>falimos</i>	--	--	--
<i>falís</i>	--	<i>fali</i>	--
--	--	--	--

Fonte: Produzido pelo autor.

Do ponto de vista linguístico, Nevins, Damulakis e Freitas (2014) definem a defectividade como um fenômeno que ocorre quando um espaço morfossintático não é

⁸ Entende-se por formas arrizotônicas aquelas que o acento tônico recai fora do radical, ou seja, nas terminações verbais. Por exemplo, o verbo pular tem a forma rizotônica “Eu pulo” e a forma arrizotônica “Nós pulamos”.

totalmente preenchido por um expoente. Os autores não trazem mais explicações sobre a definição utilizada.

Portanto, essas foram as três definições encontradas sobre os verbos defectivos no PB. Aqui deixo a ressalva de que não há muitas pesquisas sobre esses tipos de verbos, e o pouco que há se prende a tradição normativa das gramáticas e outros compêndios escolares.

1.4.2 O que se sabe sobre a defectividade?

As descrições acima, apresentadas por gramáticos de renome, interessados na língua portuguesa, revelam algumas características da defectividade nessa língua. A primeira delas, já mencionada na descrição acima é que esse fenômeno se manifesta de formas distintas dependendo do paradigma verbal a que se aplica. Assim, em alguns verbos, a defectividade ocorre apenas em formas rizotônicas, como no caso dos verbos do padrão *falir*, e em outros verbos, ocorre apenas na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em formas relacionadas a ela, como ocorre com verbos do padrão *abolir*.

A segunda característica diz respeito à ocorrência da defectividade. Esse fenômeno acontece, em maior frequência, com verbos da terceira conjugação, ou seja, os que tem a vogal temática *-i*; em uma frequência menor, verbos da segunda conjugação, os que têm a vogal temática *-e*; e um número mínimo ou inexistente de verbos da primeira conjugação, os que têm a vogal temática *-a*. Isso fica bem claro, principalmente se são considerados os exemplos dos verbos defectivos pertencentes ao primeiro grupo sugerido por Cunha e Cintra, destacados em (5):

(5) *abolir, banir, colorir, imergir, ungir, demolir*

A terceira característica é que a defectividade só ocorre no tempo verbal do presente no PB. Não há casos de verbos defectivos em que a ausência de uma forma seja encontrada em tempo passado ou futuro. Por exemplo, vamos utilizar o verbo *precaver* na primeira pessoa do singular nos tempos do presente, passado perfeito e futuro do modo indicativo:

(6) Eu me ??precavo/??precavejo' de todas as maneiras.

(7) Eu me precavi de todas as maneiras.

(8) Eu me precaverei de todas as maneiras.

De acordo com as hipóteses dos autores acima, a sentença em (6) não é possível no PB, já que um verbo como o *precaver* é considerado defectivo. Porém, as sentenças (7) e (8)

são aceitáveis, mesmo que em (8) a forma simples do futuro do presente tenha perdido espaço para as formas perifrásticas *Eu irei me precaver*, *Eu vou me precaver* ou *Irei me precaver*.

Entretanto, o que é feito para suprir a falta de tais formas consideradas defectivas?

Para suprir tal carência de uma forma defectiva, Cunha & Cintra (2008), por exemplo, utilizam alguns recursos, como o uso de formas verbais sinônimas ou de perífrases. Por exemplo, em uma sentença que um falante tivesse que utilizar a primeira pessoa do indicativo no tempo presente do verbo *abolir*, teríamos a seguinte situação:

(9) Eu ??abulo/??abolo a segunda lei da competição.

Note que (9) é considerado como agramatical de acordo com a norma culta. Nessa situação, Cunha & Cintra optam pelo uso de uma forma sinônima como podemos ver nos exemplos abaixo:

(10) Eu excludo a segunda lei da competição.

(11) Eu anulo a segunda lei da competição.

Vamos construir uma sentença com o verbo *falir* em contexto de primeira pessoa do singular do presente:

(12) Se não me ajudarem no início, eu ??falo a empresa sem intenção.

Nessa situação, vamos utilizar uma forma perifrástica para suprir a tal forma considerada defectiva:

(13) Se não me ajudarem no início, eu abro/declaro falência da empresa...

Portanto, essas são as estratégias utilizadas para suprir as carências de tais formas defectivas de acordo com a normatividade.

1.4.3 Verbos Impessoais e Unipessoais

Ao estudar os verbos defectivos no PB, precisamos tomar cuidado para não confundi-los com os verbos denominados de impessoais e unipessoais. Cunha & Cintra (2008, p. 457 – 458) definem esses dois últimos verbos do seguinte modo:

Há verbos que são usados apenas em alguns tempos, modos ou pessoas.
As razões que provocam a falta de certas formas verbais são múltiplas e nem sempre apreensíveis.

Muitas vezes é a própria ideia expressa pelo verbo que não pode aplicar-se a determinadas pessoas. Assim, no seu significado próprio, os verbos que exprimem fenômenos da natureza, como *chover*, *trovejar*, *ventar*, só aparecem na 3.^a pessoa do singular; os que indicam vozes de animais, como *ganir*, *ladrar*, *zurrar*, normalmente só se empregam na 3.^a pessoa do singular e do plural.

Aos primeiros chamamos IMPESSOAIS; aos últimos UNIPESSOAIS.

Os autores mostram que os verbos impessoais e unipessoais têm uma restrição semântica provocando a falta de algumas formas, ou seja, motivam a sua defectividade. Entretanto, há exemplos que mostram o uso das pessoas verbais de palavras, como cacarejar, que é considerado um verbo unipessoal. Por exemplo: “*Segundo a diplomata Lisa Kubiske, “Lula cacarejou” suas conquistas ambientais e sua capacidade de costurar um acordo.*”⁹ e “*Quando há alguns meses eu cacarejei aqui no Facebook e no whatsapp “incomodando” amigos e familiares por causa do perigo chamado Bolsonaro, acharam que eu tava tomando as dores do mundo,[...]”*¹⁰. Os dados citados mostram que tal classificação para verbos, como cacarejar, tem uso prototípico, pois há possibilidade de flexão de todas as pessoas verbais, mesmo que com uma mudança no sentido da palavra. A mesma situação acontece com os verbos impessoais, como *chover* e *amanhecer*. Observe que no exemplo “*E o silêncio, o imenso silêncio que atravessou/ Domingo de sol/ E eu chovi sem parar[...]”*¹¹ também é possível encontrar o verbo *chover* flexionado numa pessoa verbal diferente daquela atribuída por autores para justificar a sua impessoalidade. Portanto, as formas defectivas de verbos impessoais e unipessoais são questionáveis.

1.4.4 Causas da defectividade

Dizer que é uma forma não existe por si só não é um argumento para justificar a defectividade. Nesta seção, iremos mostrar o que dizem alguns teóricos sobre as causas desse fenômeno complexo e duvidoso.

Muitos autores tentam justificar a ausência de algumas formas verbais por critérios de cacofonia, mesmo sendo este um termo muito mal definido ou então por uma questão de homofonia com outros paradigmas verbais. Cunha & Cintra (2008, p. 458) dizem:

⁹ Exemplo retirado de <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0912201015.htm>. Acesso em 13/06/2017.

¹⁰ Exemplo retirado de

<https://www.facebook.com/PigBrasil/photos/a.625013017579990.1073741828.624942950920330/1179914592089827/?type=3>. Acesso em 13/06/2017.

¹¹ Exemplo retirado de <https://www.letras.mus.br/pitty/lado-de-la/>. Acesso em 13/06/2017.

Outras vezes o desuso de uma forma verbal é ocasionado por sua pronúncia desagradável ou por prestar-se a confusão com uma forma de outro verbo, de emprego mais frequente. A razão de ordem eufônica atribui-se, por exemplo, a falta da 1.^a pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, conseqüentemente, de todas as pessoas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO do verbo *abolir*; pela homofonia com formas do verbo *falar*, justifica-se a inexistência das formas rizotônicas do verbo *falir*. Mas, como a própria caracterização do que é agradável ou desagradável ao ouvido é sempre difícil, pois está condicionada ao gosto pessoal, há frequentes discordâncias entre os gramáticos em estabelecer os casos de lacuna verbal aconselhados por motivos eufônicos. Não raro, não se vislumbra mesmo razão maior do que o simples desuso de uma forma para que ela continue sendo evitada pelos que falam ou escrevem.

Para os autores, é nítido que não há um consenso entre os estudiosos da morfologia dos verbos em PB sobre as causas da defectividade. Também é nítido que as explicações por cacofonia são bastante subjetivas. A questão da homofonia entre a primeira pessoa do singular do verbo *falir* e *falar* é algo questionável. Para Cunha & Cintra, pode-se entender que o uso da mesma forma *eu falo* para ambos os verbos faz com que aquele que for mais produtivo, mais frequente, levando em consideração que frequência é um fator que pode estar relacionado com a defectividade de uma palavra anule a presença do outro que é menos produtivo, menos frequente. Logo, o verbo *falir* é defectivo enquanto o *falar*, não. Porém, o que dizer dos verbos *ir* e *ser* que tem as mesmas formas verbais em contexto de passado, como a forma *eu fui* e nem por isso um verbo torna o outro defectivo? A mesma situação se encontra nos verbos trazer e tragar no contexto de primeira pessoa do presente do indicativo, já que ambos têm a forma *eu trago*? A resposta para esses questionamentos é encontrada no contexto em que os verbos são empregados. A forma *eu fui* não causa confusão na mente do falante, porque ele sabe diferenciar o contexto para o verbo *ser* do contexto para o verbo *ir*. Numa sentença como “*eu fui um bom profissional.*”, o falante sabe de que se trata do verbo *ser* devido ao contexto em que foi empregado. O mesmo acontece com o verbo *ir*, caso a frase fosse “*eu fui ao evento mais cedo.*”, o falante sabe de que se trata do verbo *ir*. Bechara (1999) traz um exemplo do verbo *parir*, que justifica sua defectividade pela confusão com a primeira pessoa do presente do indicativo do verbo *parar*:

Moderna e normalmente, o verbo *parir* está incluído neste grupo: Pres. *parimos* e *paris*. Mas também, apesar de, por tabu lingüístico, ser desusado na linguagem de sociedade, pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1.^a pess. do ind. e em todo o pres. do subj.: *pairo*, *pares*, *pare*, *parimos*, *paris*, *parem*. Pres. subj.: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam*. (BECHARA, 1999, p. 227)

Portanto, utilizar a homofonia de duas formas verbais para justificar a defectividade de uma delas é algo contestável, pois mostramos que é possível diferenciar, em algumas

situações, essas formas verbais pelo contexto que é empregado. Não há critérios morfológicos e semânticos, de acordo com a nossa hipótese, que justifiquem a defectividade.

Bechara, em uma nota publicada pelo jornal *O Dia* do Rio de Janeiro, apresenta uma posição bastante conservadora no que diz respeito às variações e aos usos empregados pelos falantes de verbos considerados como defectivos:

Fatos históricos e sociais por que passa uma coletividade podem ensejar que certos defectivos venham a ser mais usados, e, assim, fiquem mais sujeitos a empregos menos acomodados a lições dos gramáticos, e apareçam mais conformes aos fatores da flexão completa, por falsa analogia com verbos aparentemente da mesma família. Nos dias de hoje, em que os direitos quase sempre não são respeitados, sente o falante a necessidade de ter à sua disposição verbos defectivos como ‘precaver’ e ‘reaver’ com todas as pessoas e formas, e, acreditando derivados de ‘ver’ ou ‘vir’, usa e abusa de ‘precavejo’ ou ‘precavenho’, ‘reavejo’ ou ‘reavenho’, estas e outras oriundas do mesmo raciocínio e sujeitas ainda à palmatória da gramática. (*Acesso em:* <http://www.academia.org.br/artigos/verbos-defectivos-conclusao>)

De um ponto de vista linguístico, Nevins, Damulakis e Freitas (2014) analisam os verbos considerados defectivos de um ponto de vista fonológico e também pelo critério de frequência. Eles procuram saber se o que o falante considera como defectivo é a mesma coisa que a gramática normativa considera; e também se os verbos defectivos, em sua maioria, apresentam uma consoante coronal antes da vogal temática. No capítulo 2, traremos mais explicações sobre esse trabalho.

Um ponto de vista mais aceitável para explicar a ausência de certas formas verbais no PB é a dúvida em relação a alternância vocálica de verbos da terceira conjugação, os que terminam, no infinitivo, em *-ir*. Esse ponto de vista já foi observado pelo teórico Said Ali (1931), o qual traz a dúvida da conjugação de verbos como *explodir* (*eu expludo* ou *eu explodo*?)

Salum (2007, p. 80) traz exemplos também dessa dúvida na alternância vocálica de alguns verbos:

Sirvam de exemplo as duas formas do verbo explodir, em frases colhidas na Internet: “Quando sou atingido por um raio, eu **expludo**, espero dois segundos, eu apareço.”, (<http://educação.cnotinfor.pt>, 19/12/2006, 17:20), ao lado de “30 segundos para explodir... vejo algumas caras mais familiares... pedem para eu parar... digo que agora já não consigo... já não posso voltar atrás... / 10 segundos...os momentos mais marcantes da minha vida vão passando por mim...as memórias...as tristezas...as fraquezas...onde para a alegria? / **Explodo!** (www.escriacriativa.com, 19/12/2006, 17:22).

Logo, vimos nessa seção que a explicação dada por alguns autores sobre o provoca a defectividade nos verbos é muito questionável. Primeiro porque não há um consenso sobre o

que provoca a defectividade entre os teóricos. Me parece que cada um atribui uma justificativa que lhe parece plausível. Segundo, os motivos de cacofonia e homofonia são contrariados pelos dados que apresentamos aqui. Terceiro, os demais verbos que não se enquadram na explicação anterior não têm uma justificativa, como *banir* ou *abolir*. O motivo da falta de suas formas não é apresentado.

Na próxima seção, iremos apresentar alguns dados que nos levam a supor a hipótese de que, talvez, não existam verbos defectivos no PB, mas sim uma dúvida na mente do falante sobre qual forma utilizar e, por haver essa dúvida, ele opta por não utilizar já que não tem uma certeza.

1.4.5 A defectividade no uso

Vimos na seção anterior que as hipóteses as quais os autores apresentam têm alguns problemas, pois há dados que contradizem as suas afirmações. Considerando os mesmos fatos sobre os verbos defectivos em português descritos pelos autores supracitados, o que dizer dos dados abaixo retirado de um jornal português¹²:

Um verbo defectivo é como aquele que me impede, se caio em bancarrota, de dizer: "Eu falo." Já dizer "nós falimos" ou "vós falis", posso. Quer dizer, nunca assumo a minha culpa na falência. Para mim, ela é sempre de outros ou, no mínimo, distribuo a minha culpa com outros. [...] No devido momento, que é o tempo presente do indicativo, com a falência a quente, nunca ouvimos o Espírito Santo dizer: "Eu falo." Ou alguém dizer ao Oliveira Costa: "Tu fales." Essas exatas culpas não existem na nossa língua. Ao falir, na melhor das hipóteses de haver confissão, naufragamos juntos: "Nós falimos." Quando a coisa estiver a ficar esquecida talvez já possamos ouvir o Alves dos Reis, 90 anos depois do Banco Angola e Metrópole, dizer no pretérito perfeito: "Eu fali." [...] Os verbos defectivos dão desculpas manhosas para explicar os seus defeitos. Eles explicam a inexistência de uma sua determinada conjugação para não se confundir com um verbo usado mais frequentemente: no exemplo do "eu falo", no sentido da bancarrota, seria para não nos baralharmos com o verbo falar. [...] Aqui chegado, decido ser mais radical. Já não quero um departamento tipo ASAE que cuide das mazelas dos verbos mancos, falhados, incompletos. Por mim, abulo os verbos defectivos todos. Eles precisam mesmo de um Ministério da Gramática que prepare a comissão liquidatária. Acabar com eles: cada buraco de conjugação em determinadas pessoas, tempos e modos verbais será preenchido pela palavra que vai de si. Millôr Fernandes, mestre das palavras, não hesitou quando fez uma peça teatral onde falava de computar. Titulou a obra: "Computa, computar, computa." E, apesar do que dizem certas gramáticas e gramáticos, aquele verbo passou a ser completo e não defectivo.[...].

¹² Retirado do site <http://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/ferreira-fernandes/interior/centeno-agora-eu-punha-o-ministro-da-gramatica-5760931.html>. Acesso em 13/06/2017.

Nota-se que no exemplo acima, o autor da nota, um jornalista chamado Ferreira Fernandes, não admite a explicação dada pelas gramáticas sobre a ausência de certas formas defectivas que podem ser utilizadas sem nenhum problema de compreensão por parte do falante. Ele ressalta o uso das formas verbais “*Por mim, abulo os verbos defectivos todos.*” do verbo abolir e “*Eu falo.*” do verbo falar.

Pode-se afirmar que seriam essas sentenças agramaticais? Observe os dados, em (14), (15) e (16), também retirados da internet¹³:

(14) Mãos preparadas/Pra clicar no Ban/Com você meu fórum andava de pernas pro ar/Sempre armado, Segui seu IP/Bani seu**para você não mais vir floodar/Já nem lembro seu nick/a sua conta eu fiz questão de apagar/Deletei o seu tópico antes de sair da primeira página/Agora eu bano outra!

(15) Quando eu bano (verbo banir) alguém (sic) da minha página do Facebook essa pessoa pode ver as atualizações?¹⁴

(16) Eu fico na minha, mas quando eu explodo, falo até o que não precisava!

Observamos que as formas *eu bano* em (14) e (15) e *eu explodo* em (16) contrariam o que foi dito pelos autores sobre os verbos defectivos em PB, porque aparecem em determinados contextos sem nenhum estranhamento do uso pelos falantes. Então, esses verbos deveriam ser reanalisados para saber se de fato podem ser considerados ou não defectivos. Abaixo, listarei algumas hipóteses que serão investigadas no tratamento dos casos de defectividade no sistema verbal do PB a ser desenvolvido nesta pesquisa:

1. A defectividade em paradigmas verbais no PB não ocorre. O que acontece é uma dúvida na mente do falante em saber se tal forma existe na língua, assim como acontece com outros verbos em contextos de primeira pessoa do singular do presente do indicativo, como *caber* e *valer*.
2. Não há critérios que tendem a produzir a defectividade em verbos no PB..

¹³ Dados anotados por mim, como (14), ou retirados de publicações em redes sociais, tais como *Facebook*, como (16).

¹⁴ Disponível em: <<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20121205182019AAG4Cfp>>. Acesso em: 09 dez. 2015.

1.5 Conclusão da seção

Os dados observados nas seções anteriores mostram que há lacunas sobre o fenômeno da defectividade no contexto dos paradigmas verbais do PB. Então, as análises feitas pelos autores mencionados precisam ser refeitas a fim de propor uma explicação sobre as observações feitas nas descrições dos trabalhos anteriores. Também observaremos no decorrer desta dissertação que tais explicações representam apenas uma parte dos fatores que envolve a defectividade. Também é possível dizer que esses dados levantam uma série de problemas, como os apresentados anteriormente, os quais não têm uma solução teórica ou empiricamente suficiente dentro da gramática tradicional e nem uma abordagem dentro da Teoria Gerativa. Na próxima seção, irei apresentar o referencial teórico para o fenômeno estudado.

CAPÍTULO 2: Síntese da Bibliografia Fundamental

Como vimos no capítulo 1, apresentamos o tratamento da defectividade no sistema verbal do PB do ponto de vista de alguns autores. Nesta seção, daremos continuidade apresentando o referencial teórico relevante para o desenvolvimento desta dissertação. Serão apresentados trabalhos voltados para o tema da defectividade sob diferentes perspectivas. Além disso, apresentaremos brevemente o modelo da Teoria da Otimalidade (diante OT) como uma opção eficiente e econômica para o tratamento do fenômeno em discussão.

2.1 Defectividade

No que se refere à defectividade, apresentaremos as propostas de Baerman, Corbett e Brown (2010); Nevins, Damulakis e Freitas (2014); Arregi e Nevins (2014); Sims (2006), Baerman (2010) e Maiden e O’Neil (2010), respectivamente. Baerman, Corbett e Brown (em diante BCB) apresentam, em seu livro, um conjunto de trabalhos de vários autores, cujo tema é a defectividade. Iremos focar na introdução do livro escrita pelos próprios autores. Já Nevins, Damulakis e Freitas (em diante NDF) discutem os verbos defectivos no PB em dois pontos de vista: um deles é sobre um ponto de vista fonológico e o outro buscando determinar se há uma relação de igual para igual entre o que a norma e o falante do PB consideram como verbos defectivos. Por sua vez, Arregi & Nevins (2014) exploram casos de palavras que apresentam diferenças morfológicas e pragmáticas, mas derivam da mesma raiz, tais como *persons/people*. Os autores também abordam questões sobre os verbos defectivos no espanhol, considerando que esses verbos representam um caso extremo de raízes dissupletivas. Maiden e O’Neil apresentam a defectividade em dados dos verbos que intitulam como “ibéricos”, no caso do português e espanhol. Eles ainda explicam a defectividade dentro da proposta de Albright (2003,2006). Andrea Sims trabalha com a defectividade em dados do Russo e do Grego Moderno. Para a autora, a defectividade tem motivações para ocorrer de natureza semântica, de natureza fonológica e, o que é o foco da sua dissertação, de natureza morfofonológica, em que há a mudança de sílaba tônica de uma palavra. A pesquisa de Baerman traz a defectividade relacionada com a questão da homofonia. Para o autor, a homofonia é vista em dois sentidos: a lexical onde uma forma de um paradigma é homófona a de outro e paradigmática em que duas formas são homófonas dentro de um mesmo paradigma resultando num fenômeno chamado de sincretismo.

2.1.1 Baerman, Corbett e Brown (2010)

Os autores reuniram um conjunto de pesquisas acadêmicas de diferentes autorias cujo tema é a defectividade. Dentre essas pesquisas, nos concentraremos aqui na introdução do livro, cuja autoria é de Baerman e Corbett.

Eles definem o fenômeno da defectividade por meio de Matthews (1997. p. 89) dizendo que a defectividade ocorre quando um paradigma está incompleto em comparação a outros de mesma classe o qual pertence. Para exemplificar, eles utilizam a palavra *mecta* do russo, que significa “sonho”. Essa palavra apresenta uma “falha” ou uma forma ausente em contexto de genitivo plural a qual é, de fato, evitada pelos falantes no referido contexto. Isso é atestado pelos dicionários normativos. Entretanto, uma minoria chega a utilizar uma forma *mectanie* para o genitivo plural se referindo a contextos de ironia. Baerman e Corbett afirmam que não há nada no significado da tal palavra que justifique a sua defectividade. Para suprir a falta de tal forma, os falantes usam diversas estratégias para remeter à ideia de genitivo plural, como sinônimos ou construções sintáticas não – usuais. Entretanto, eles procuram explicações que justifiquem a ausência dessa forma de genitivo plural.

A morfologia deve ser entendida como o significado gramatical na forma escrita, ou seja, se há um significado, a morfologia é a área responsável por produzir formas que correspondam a tal significado. Entretanto, o fenômeno da defectividade é visto como um problema para a morfologia e para a sintaxe, já que esse opera princípios dentro da morfologia e aquele deve produzir formas para um contexto de significado.

Para os autores, a defectividade está longe de ser um fenômeno novo, pois há estudos como os de Neuer e Wagener (1897,1902) que tratam da defectividade em paradigmas nominais no Latim Clássico.

A definição de defectividade vai ser revista na introdução do livro, pois a de Matthews precisa ser melhor explicada. Para isso, eles utilizam o exemplo dos verbos modais do inglês, que são defectivos no contexto de formas não-finitas, porque se esses verbos têm formas defectivas em contextos não-finitos, como **to may*, **to can*; de acordo com a definição de Matthews, a defectividade seria explicada dependendo se tais verbos pertencem à classe dos verbos ou à classe menor dos verbos modais.

Baerman e Corbett, na introdução do livro, se concentraram em abordar casos de lacunas idiossincráticas a fim de mostrar que a defectividade não é um fenômeno restrito. Eles

irão rever os motivos pelos quais podem tornar um paradigma incompleto. Esses motivos serão abordados nas áreas da semântica, da pragmática, da sintaxe e da morfologia. É interessante notar que a fonologia não é levada em questão pelos autores como uma possibilidade de tornar um paradigma incompleto. Por exemplo, se existisse uma palavra para representar o genitivo plural em russo da palavra *mecta*, essa palavra teria uma mudança na sua sílaba tônica, ou seja, ao invés de a tonicidade estar na raiz, forma rizotônica, ela sairia da raiz se tornando uma forma arrizotônica. Provavelmente, isso poderia explicar a defectividade do paradigma de *mecta*.

Dentre os motivos que podem levar a um paradigma ser incompleto, Baerman e Corbett, primeiramente, mencionam fatores semânticos. Pode haver algumas restrições semânticas que tornam valores de uma palavra incoerentes em determinado contexto. Dessa forma, teríamos o surgimento de um paradigma incompleto devido a essa restrição, como no caso dos verbos considerados impessoais. Outro fator seria algum tipo de restrição de natureza pragmática que tornaria certas formas de um paradigma irrealizáveis em um determinado contexto em que a linguagem é utilizada. Na sintaxe, os autores afirmam que regras sintáticas gerais podem determinar que um valor morfossintático seja ou não relevante para uma palavra, havendo, nesse caso, uma restrição que tornaria um paradigma incompleto. Os autores trazem o exemplo da palavra *nobody* em Georgiano que apresenta três formas disponíveis: *aravin*, *veravin* e *nuravin*. O último pronome é defectivo em contexto de caso ergativo. Para explicar essa defectividade, Baerman e Corbett afirmam que o Georgiano é uma língua a qual atribui caso dependendo do tempo verbal e da classe verbal. Os pronomes *aravin* e *veravin* podem ser utilizados em qualquer tempo verbal, mas o *nuravin* só ocorre em tempos presente e futuro. Sabendo que o caso ergativo é atribuído somente no tempo aoristo, há uma restrição no contexto morfossintático para haver uma forma disponível da palavra *nuravin* em caso ergativo, tornando o paradigma defectivo. Por último, a produtividade é considerada como fator que pode provocar lacunas em um paradigma, porém, os autores ressaltam a qual tipo de paradigma estão se referindo, pois, os paradigmas flexionais, como vimos na introdução dessa dissertação, são totalmente produtivos em classes de palavras, porém os derivacionais, são aplicados de formas fragmentadas. Eles esperam encontrar, considerando os tipos de paradigmas citados anteriormente, formas defectivas em paradigmas derivacionais.

Por meio de uma tipologia sincrônica, Baerman e Corbett explicam como funciona a morfologia flexional. Ela é formada por três componentes: I – conjunto de formas (forma paradigmática), II – conjunto de significados, sejam sintáticos ou semânticos (conteúdo paradigmático) e III – o mapeamento entre os dois anteriores. Para os autores, o exemplo mais

óbvio de um paradigma defectivo é aquele cuja forma está faltando em determinado contexto. Essa obviedade serve para que eles utilizem uma tipologia morfológica baseada na tipologia de componentes, mesmo sendo essa uma noção que depende do quadro teórico e da proposta de análise. Levando isso em consideração, procuram mostrar que a defectividade pode ser um resultado de restrições referentes a três situações. A primeira situação se refere às raízes. Utilizando dados do finlandês em que o paradigma de alguns verbos é baseado na oposição entre raiz de infinitivo e raiz flexional, certos verbos apresentam uma lacuna no infinitivo, pois a raiz deles termina na vogal *a*, impossibilitando a concatenação com o morfema de infinitivo, enquanto os demais, que apresentam uma forma disponível para o infinitivo, terminam em *e*, a forma padrão da língua. Na segunda situação, Baerman e Corbett mostram que, em alguns casos, a defectividade pode resultar de outros fatores que não sejam como a alternância de uma raiz. A lacuna em um dado paradigma pode ocorrer devido a uma distribuição de afixos. Um exemplo trazido pelos autores é o da distribuição de afixos de atribuição de casos da língua indígena americana Chickasaw, em que há uma restrição na combinação dos afixos devido a fatores semânticos, como o traço de agente. Por último, há o caso em que a lacuna no paradigma de uma palavra é causada pela palavra inteira, como no caso das palavras em turco, em que os falantes observam, o que os autores chamam de condição do tamanho mínimo dissilábico de palavras afixadas. Acontece que, no turco, há uma restrição de afixação a palavras quando se trata de sufixos monossilábicos, pois esses sufixos têm sua vogal inicial apagada quando entram em contato com a vogal final da raiz de palavras monossilábicas de formação CV (consoante e vogal), como no caso de nomes de letras do alfabeto ou notas musicais. Então, para o falante, os sufixos que são dissilábicos são aceitáveis na língua independente da palavra a qual se concatenará, mas os sufixos monossilábicos só são aceitáveis se a palavra terminar em consoante, pois, dessa forma, a palavra afixada resultará em uma dissilábica.

Notamos, de acordo com as análises de Baerman e Corbett que o fenômeno aqui estudado está diretamente relacionado com restrições que, de alguma forma, provocam lacunas em determinado paradigma. Isso é interessante para o andamento desta pesquisa, pois trataremos nossos dados dentro do quadro teórico da OT.

Vimos anteriormente a explicação dada por Baerman e Corbett de como paradigmas apresentam lacunas ou se tornam defectivas devido a sua morfologia. Entretanto, os autores ressaltam que a defectividade em paradigmas pode ser resultado de restrições puramente semânticas ou sintáticas as quais são independentes da morfologia. Em relação aos fatores semânticos, eles comentam sobre os verbos impessoais e os que indicam fenômenos naturais,

como *chover*, *amanhecer* e *trovejar*. Esses verbos são restritos à terceira pessoa do singular, como em frases:

- (17) Chove durante toda tarde.
- (18) O dia amanheceu depressa.
- (19) Ontem à noite, trovejou muito.

Outro exemplo de palavras defectivas por motivos de restrição semântica mencionado pelos autores é a classe dos nomes incontáveis, já que apresentam apenas a forma de singular mesmo com ideia de plural, como no caso das palavras no inglês *money* (*dinheiro*), *bread* (*pão*) e *jewelry* (*joias*).

Essa análise envolvendo os verbos em (17), (18) e (19) é questionável por nossa parte. Iremos contestá-la no capítulo 3.

A próxima análise dos autores envolverá a interação entre ambos os domínios explicitados acima, a forma e o conteúdo. Baerman e Corbett trazem exemplos do tuaregues, uma língua berbere falada no norte da África. Nesse idioma, a defectividade em alguns contextos vai ser explicada pela relação entre forma e significado, diferente dos exemplos anteriores, que eram justificados em um só domínio. No caso do tuaregues, o sujeito de um verbo é marcado no próprio paradigma verbal por meio da combinação de prefixos e sufixos com uma espécie de alomorfia na raiz verbal dependendo se a raiz se inicia com vogal ou consoante. As raízes de verbos no imperfeito utilizam prefixos e sufixos, porém as raízes de verbos no perfeito só utilizam sufixos. Logo, de acordo com o sistema da tal língua, em contextos de terceira pessoa do singular e primeira pessoa do plural no perfeito, os verbos não se juntam a sufixos. Isso deveria resultar em formas defectivas nesses dois contextos, porém, os falantes nativos rejeitam apenas a primeira pessoa do plural, sendo a terceira pessoa do singular possível mesmo sem a presença de um sufixo. Os autores explicam que se trata de um caso de evitar uma homofonia sem especificar em que situação ocorreria essa tal homofonia. Portanto, a defectividade só ocorre quando há a interação entre a forma da palavra e o seu significado, referindo a ambos os domínios.

A análise tipológica de Baerman e Corbett nos leva a crer que o padrão de defectividade pode estar em conformidade com uma classe de palavras dentro um domínio, seja na forma, no significado ou na interação entre ambos. Se esse for o caso, os autores apresentam duas possibilidades de interpretar a defectividade. A primeira é que tal fenômeno seria uma espécie de resíduo que vai se manifestando de uma estrutura paradigmática para outra. A

segunda possibilidade consiste em que a defectividade é um fenômeno que independe da relação entre estruturas, ou seja, ela é considerada um objeto morfológico. A fim de exemplificar a última possibilidade, Baerman e Corbett trazem o exemplo do verbo *ser* da língua Itelmen que apresenta um paradigma defectivo em contextos de primeira pessoa do singular e plural, segunda pessoa do plural e terceira do singular. Esse verbo apresenta uma raiz supletiva entre os tempos presente e passado, sendo o presente marcado pelo acréscimo do sufixo *-z*. Logo, as terminações de terceira pessoa do plural de ambos os tempos são praticamente as mesmas com algumas alterações de natureza fonológica, mesmo assim os paradigmas não se tornam defectivos a fim de evitar um caso de homofonia. Com isso, os autores apresentam três interpretações possíveis para explicar esses casos de defectividade: (I) as formas apresentadas foram descritas de modo incompleto, por exemplo, as formas existentes são supletivas com as de outra raiz; (II) há razões sintático-semânticas para explicar a ausência de certas formas que não são reconhecidas; (III) As lacunas de um paradigma são, de fato, lexicalmente codificadas, ou seja, não há um padrão para a defectividade acontecer, já que pode ocorrer de forma aleatória.

A análise apresentada por Baerman e Corbett é viável e coerente, já que eles explicam os vários motivos que podem tornar um paradigma incompleto em relação a sua flexão. Essa análise vai ser importante para servir de base com os dados que iremos trazer nesta dissertação. O restante da introdução do livro traz uma análise diacrônica para o fenômeno aqui estudado, porém essa análise não é adequada para o que estamos propondo neste trabalho. O que podemos notar em relação a essa introdução feita pelos autores é que vários fatores podem estar relacionados à defectividade, assim como podemos não encontrar uma explicação para tal fenômeno, sendo assim considerado um epifenômeno.

2.1.2 Nevins, Damulakis & Freitas (2014)

A defectividade, segundo NDF, é definida quando um espaço morfossintático não é totalmente preenchido por uma forma. Os autores iniciam o artigo citando exemplos do português e do espanhol da defectividade que recai em paradigmas verbais nas formas de presente do indicativo e suas formas derivadas. Um dos exemplos é o verbo *falir* do português, que apresenta todas as formas flexionais para os paradigmas de pretérito e de futuro, mas não exhibe as formas do tempo presente, com exceção da 1ª pessoa do plural *falimos*.

Uma primeira generalização é feita a partir desse exemplo e de outros: a defectividade em verbos, em sua maioria, recai sobre as formas rizotônicas, o que é algo

semelhante aos nomes em russo. Como apontamos anteriormente, essa mesma observação já havia sido feita em Cunha e Cintra (2008).

Outra observação feita pelos autores é que, por exemplo, se a 1ª pessoa do plural do subjuntivo do verbo falar existisse, seria *falamos*, uma forma que não retém a vogal temática presente na forma infinitiva do verbo. Além disso, na forma *falamos*, a tonicidade recai na penúltima sílaba, e não na raiz, sendo essa uma forma arrizotônica. Esse exemplo faz pensar que as únicas formas disponíveis em um verbo defectivo são aquelas que retém a vogal temática /i/ após a raiz. Os autores afirmam que todos os verbos defectivos em português pertencem à 3ª conjugação.

NDF mostram que alguns fenômenos podem causar ou estar relacionados com a defectividade. Por exemplo, apontam que as formas defectivas ocorrem apenas em tempos do presente e seus tempos derivados e sugerem que há algum tipo de relação entre a natureza da vogal temática de um verbo e a defectividade. No entanto, esses são pontos que não ficam tão claros na apresentação do texto. E por último, os autores consideram que todos os verbos defectivos são da 3ª conjugação, porém o que dizer de alguns verbos pertencentes à 2ª conjugação que apresentam formas defectivas na flexão de seus paradigmas em formas de presente, como precaver e reaver?

Apesar desses questionamentos, os autores apresentam o conceito de defectividade de forma direta e objetiva, fazendo com que o leitor saiba identificar um paradigma defectivo em uma língua qualquer.

Após apresentar exemplos de verbos defectivos no PB, NDF vão levantar alguns questionamentos a fim de identificar as causas da defectividade ocorrer nos verbos em PB. Por exemplo, os autores citam 3 verbos que consideram como defectivos por razões de homofonia com a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo:

(20)

- a) *pulo* (1ª pessoa, sg, presente do verbo pular)/ **pulo* (1ª pessoa, sg, presente do verbo polir)
- b) *paro* (1ª pessoa, sg, presente do verbo parar)/ **paro* (1ª pessoa, sg, presente do verbo parir)
- c) *falo* (1ª pessoa, sg, presente do verbo falar)/ **falo* (1ª pessoa, sg, presente do verbo falar)

Muitos verbos defectivos não têm uma explicação coerente por parte das gramáticas. Os autores citam Maiden & O'Neill (2010) ao dizerem que a defectividade parece ser um fenômeno arbitrário, caso se procure alguma motivação fora do próprio campo morfológico. Uma intuição que ainda chama a atenção dos autores é que as formas defectivas, além de não apresentarem uma forma alomórfica para a 1ª pessoa do singular no presente, parecem resistir a outros tipos de formas alomórficas disponíveis. Maiden & O'Neill também notaram que muitos dos verbos defectivos, no caso do português e do espanhol, não são encontrados antes do século XVI e que, em sua maioria, esses verbos apresentam uma particularidade em comum: a presença de uma consoante coronal intervocálica, geralmente a consoante /l/. Esses fatos foram comprovados e refutados por meio de testes, provando também que o falante nativo de tal língua consegue julgar um verbo como defectivo ou não sem ter acesso a informações como as apresentadas anteriormente. Logo, NDF fazem o seguinte questionamento: Como o falante tem conhecimento de que não pode produzir certas formas de um paradigma se essas formas nunca foram ditas agramaticais durante o período de aquisição? Eles respondem dizendo que esse acontecimento representa um caso do problema da pobreza de estímulo na morfologia. Uma série de princípios é capaz de orientar os falantes para não produzir certas formas nunca antes ouvidas mesmo sem uma evidência negativa delas.

Postma (2013) fez uma abordagem nos verbos defectivos em PB de acordo com as generalizações fonológicas apresentadas anteriormente. O autor analisou 40 verbos defectivos retirados de dicionários e gramáticas do português a fim de verificar se os mesmos apresentavam uma consoante coronal na sua estrutura como foi apontado por Maiden & O'Neill. Dos 40 verbos, somente 5 não apresentaram uma consoante coronal na posição final da raiz. Postma, com base nesses dados, explica que há uma competição na posição dentro da raiz do verbo entre a vogal temática /i/ e a consoante coronal /l/. A intuição do autor é que o verbo defectivo é defectivo justamente na posição onde a vogal temática não pode ocorrer devido à presença da consoante coronal.

NDF vão analisar se, de fato, os falantes do PB internalizam essas generalizações mencionadas acima. O falante considera como defectivo o verbo que é classificado de tal forma pela gramática normativa? Para isso, os autores fazem um experimento com dois falantes de PB. Os 40 verbos classificados como defectivos pela gramática normativa foram utilizados num experimento pelos autores a fim de identificar quantos são considerados defectivos pelos falantes. Dos 40 verbos, apenas 21 foram considerados defectivos pelos participantes. Fatores como familiaridade com os verbos e produtividade em uma sentença adaptada de um teste de Albright (2003, 2009) foram considerados nesse experimento.

Pode-se perceber que não há um único fator que explique a defectividade em verbos no PB. Fatores fonológicos, pragmáticos, semânticos, morfológicos, históricos parecem explicar a defectividade, dependendo do verbo a que se referem.

Para a análise dos dados, NDF utilizaram o software *SPSS Statistic Data Editor* para calcular estatisticamente o significado de cada verbo numa escala de 1 a 5. Por exemplo, verbos como *balir* e *jungir* tiveram um baixo percentual na questão de familiaridade. Esse fator foi relacionado com a questão da produtividade. Os autores perceberam que, quanto maior a familiaridade dos verbos analisados, maior a produtividade dos mesmos. Para responder aos questionamentos feitos no início do trabalho, os autores utilizaram a hipótese nula (H_0), que defende a ideia de que não há diferença significativa estatisticamente entre a média de dois grupos, para relacionar os dados da tabela de familiaridade e da tabela de produtividade. Os verbos *abolir*, *banir*, *colorir*, *demolir*, *falir*, *imergir*, *parir*, *polir* e *ruir* eram, de fato, defectivos, pois as formas arrizotônicas (1ª pessoa do pl) eram significativamente diferentes das formas rizotônicas (3ª pessoa do sing). Note também que, com exceção dos verbos *imergir* e *ruir*, todos os verbos apresentam uma consoante coronal ao final da raiz, comprovando a generalização de Postma. Por outro lado, os verbos *emergir*, *engolir*, *exaurir*, *explodir*, *florir*, *grunhir*, *latir* e *ungir* não são defectivos por não apresentarem diferenças significativas nas flexões das formas rizotônicas e arrizotônicas.

NDF tratam morfológicamente os verbos defectivos no quadro teórico da Morfologia Distribuída (em diante, MD). Para os autores, na operação de Inserção de Vocabulário, verbos defectivos, como o *abolir*, não apresentam uma lista completa de itens de vocabulários. Logo, esses verbos só teriam um item de vocabulário em contexto da vogal temática /i/ e sem itens para os demais contextos, como mostra o gráfico abaixo retirado de Arregi & Nevins (2014):

(21)

$\sqrt{\text{abl43}} \leftrightarrow \text{/abol/ in the environment: __i}$

$\sqrt{\text{abl43}} \leftrightarrow \text{no elsewhere item}$

Por último, os autores ressaltam que, apesar de haver uma relação entre a presença de um elemento coronal na raiz de um paradigma verbal defectivo, isso não é uma condição suficiente para explicar a defectividade, mas é importante para entender situações como a da ilustração acima quando um item não tem um alomorfe disponível para sua realização em contextos diversos.

A análise dos dados e os questionamentos levantados pelos autores são de extrema importância para o estudo da defectividade em verbos no PB, pois mostrou que diversos fatores, como produtividade, tempo verbal, pragmática, fonologia, morfologia, estão presentes na questão desse assunto. Porém, é necessário rever algumas análises, como em dizer que todos os verbos defectivos pertencem à 3ª conjugação, já que há exemplos de verbos, como *precaver*, *reaver*, *feder*, que são defectivos e pertencem à 2ª conjugação.

2.1.3 Arregi & Nevins (2014)

O estudo sobre raízes constitui um desafio para as pesquisas em morfologia, pois há vários fatores que podem influenciar em análises a fim de saber se algumas palavras morfologicamente semelhantes são derivadas de uma mesma raiz. Esse é o caso do artigo de Arregi e Nevins (2014), em que os autores fazem um comentário no artigo de Harley (2014). Nesse artigo, a autora trata de casos em que palavras, como *destroy/destroy* ou *person/people* são originadas a partir de raízes distintas. Entretanto, Arregi e Nevins não concordam com a análise feita por Harley, logo, assumem que os casos das palavras mencionadas anteriormente representam raízes supletivas. São palavras que se formam a partir da mesma raiz, porém há um caso de alomorfia supletiva nessas palavras devido à presença ou ausência de algum elemento funcional na estrutura que condiciona esse processo. Os autores também analisam o caso de verbos defectivos no espanhol. Eles argumentam que esses tipos de verbos representam um caso extremo de raízes supletivas, pois, enquanto em um contexto há um alomorfe disponível, em outro, a raiz não é realizável.

Em seu artigo, Harley apresenta evidências de que verbos com alguns significados idiossincráticos no inglês, como *bite off*, *fall in water* e *bet* podem mostrar raízes supletivas em relação ao número, e isso pode constituir evidência contra à visão de alguns morfólogos de que a noção de raiz supletiva é limitada a verbos lexicalmente funcionais. Em vez disso, as raízes apresentam um índice abstrato, dentro do quadro teórico da MD, e suas formas fonológicas são contextualmente determinadas com base na localidade de seu ambiente sintático. Dessa forma, o autor desenvolve o argumento de que as raízes as quais apresentam alossemia contextualmente determinada podem ter uma estrutura sintática complexa subjacente, explicando as diferentes formas originadas a partir de uma mesma raiz, como as palavras *deceive/deception* e *perceive/perception* do inglês, derivadas da raiz *-cep-*. Harley deixa clara a interação que há entre os índices das raízes acategoriais, a alomorfia e alossemia contextualmente determinada. Com base nessa interação, é que Arregi e Nevins vão se utilizar

para explicar os casos de alomorfia e alossemia em palavras, como *destroy/destroy* e *person/people*.

Os autores utilizam uma abordagem monorradical de raízes supletivas que diz que a alomorfia que há entre o par *destroy/destroy* é ocasionada pela presença de um núcleo funcional *v**, núcleo esse que é responsável por introduzir um argumento externo na estrutura de verbos transitivos. Arregi e Nevins argumentam que tanto *destroy* como *destroy* são palavras derivadas da mesma raiz acategorial *destr-*. A realização desses alomorfes se dá por uma restrição contextual. Por exemplo, em um ambiente que haja a presença do núcleo funcional *v**, a forma *destroy* ocorrerá. Nos demais contextos, a forma que ocorrerá será *destroy*. Note que a forma *destroy* é menos especificada e assim podendo ocorrer em vários contextos, como na formação de adjetivos (*destructive, destructible*), na formação de nomes (*destruction*) e raízes compostas (*self-destroy*).

Para as formas *person* e *people*, os autores mencionam que o ponto central para a compreensão de todos os usos dessas duas palavras feito por Harley é uma análise com base e nomes *pluralia tantum*, que são nomes, cujo traço [$\pm$ group] é relevante. Esse traço representa, nos nomes, indivíduos que são representados em grupo, como nomes coletivos no inglês (*hair*) ou então nomes *pluralia tantum* (*scissors*). Arregi e Nevins fazem uma análise das palavras *person* e *people* com base na análise feita da palavra *scissors*. Para os autores, há a presença de um elemento especial (SEP) na formação dessas palavras que se combina com a raiz *prs-*. A palavra *person* ocorre diante o contexto que há a presença de um elemento SEP, não especificado pelos autores. Já a palavra *people* é considerada o item *elsewhere*, ocorrendo nos demais contextos.

Harley analisa o par *person/people* num ambiente de contexto de alternância produtiva, em que essas palavras apresentam significados idiossincráticos particulares independentes. A autora defende que a palavra *people* ocorre em contextos mais gerais, como em sentenças: “*it’s always people: to people/*person the planet.* ”. Entretanto, em contextos mais específicos, como operações de resgate de pessoas, a forma *person* é utilizada, por exemplo: “*The Missing Persons Bureau*”. Logo, Harley argumenta que *people* é um item *elsewhere*, e *person* ocorre em contextos em que haja o traço [+sg].

Arregi e Nevins postulam que a abordagem de Harley sem que haja um item *elsewhere* para formas contextualmente limitadas no lado de LF para a Lista de Enciclopédia pode ser estendida para o lado de PF, e, com isso, possa explicar as lacunas que há em certos paradigmas conhecidos como defectivos. Os autores citam o exemplo do verbo abolir no espanhol, em que apresenta uma série de lacunas nas formas de pessoas verbais na sua conjugação no tempo do

presente do indicativo. O verbo abolir não apresenta formas disponíveis em contextos em que o elemento depois da raiz *abol-* seja uma vogal diferente da vogal *-i-* e também em tempos verbais que utilizem o presente do indicativo para a sua formação, como o presente do subjuntivo. Os autores fazem uma adaptação à análise dos itens *caboodle*¹⁵ de Harley argumentando que, no caso das lacunas no paradigma do verbo *abolir*, essas lacunas são o resultado de uma única entrada de vocabulário, contextualmente determinada, para a raiz desse verbo, como mostra a representação abaixo:

(22)

Vocabulary entry for $\sqrt{ABL385}$

/abol/ $\leftrightarrow \sqrt{ABL385}/$ __ [-consonantal, +high, -back]

Portanto, se houver qualquer outro segmento diferente do que está previsto na entrada de vocabulário do verbo abolir, haverá uma lacuna, já que não existe, nesse contexto, nenhum item *elsewhere* disponível.

Na MD, a Inserção de Vocabulário na raiz ocorre depois que o categorizador é atribuído ao expoente, fazendo com que essa análise do verbo abolir pareça uma suposição bastante comum dentro desse quadro teórico. Todavia, isso parece contradizer a suposição de que a Inserção de Vocabulário começa na palavra e, posteriormente, os núcleos funcionais vão se aplicando aos outros núcleos. Os autores dizem que isso é uma ilusão por conta da ausência de um elemento que determina a ordem derivacional da Inserção de Vocabulário dentro de uma palavra.

Arregi e Nevins consideram a defectividade do verbo *abolir* em espanhol como um caso extremo de raízes supletivas. A raiz possui dois alomorfes, sendo que um alomorfe é contextualmente limitado e o outro é uma forma irrealizável, sem que haja uma saída na sua Inserção de Vocabulário.

Por fim, a análise dos autores comprova que os casos de raízes supletivas de Harley, que considerava um caso parcial de homofonia de palavras, como *persons/people*, são mesmo derivadas de uma mesma raiz, apesar das diferenças de significado refletindo na estrutura sintática que, por sua vez, refletiram no modo que a alomorfia supletiva poderia ser condicionada. Em todos os exemplos analisados, notou-se a presença de algum elemento

¹⁵ São itens que só são possíveis de realizar devido ao contexto em que são inseridos. Por exemplo, a palavra *cran* do inglês só ocorre na língua ao se juntar com a palavra *berry*, formando *cranberry*, ou a palavra *cahoot*, que só ocorre em contextos de nomes plurais.

funcional que era responsável pela alomorfia nas palavras, como o elemento v^* no caso de *destroy/destruct* ou o SEP no caso de *person/people*, o que confirmou a hipótese levantada pelos autores no início do trabalho.

2.1.4. Sims (2006)

No seu trabalho, a autora trata das formas defectivas encontradas em paradigmas flexionais do russo, em contexto de verbos de tempo não-passado na primeira pessoa do singular, e do grego moderno em contexto de genitivo plural dos nomes. Ela argumenta em favor da ideia de que é possível encontrar paradigmas defectivos na estrutura paradigmática utilizada por falantes, já que a reação desses em relação ao que é defectivo difere de dados coletados em pesquisas de outros autores. Ainda pela autora, o surgimento dessas formas defectivas pode ser explicado se referindo ao paradigma flexional e que a causa principal de tais formas defectivas nos respectivos paradigmas citados é a dúvida dos falantes em relação aos padrões de paradigmas flexionais. Essa insegurança em não saber se uma forma é x ou y leva o falante a não produzi-la, tornando o paradigma incompleto. Para comprovar a hipótese de que a defectividade é causada por tal insegurança, Sims apresenta uma série de experimentos e dados estatísticos com base nos falantes de grego moderno e russo, formalizando tal abordagem por meio de palavra e paradigma, que incorpora uma hierarquia de heranças multidimensionais.

Por exemplo, os padrões distribucionais da defectividade do grego moderno e do russo significam falhas ideais, ou seja, são sincronicamente epifenômenos aos processos de formação de palavras produtivas. Entretanto, Sims leva em consideração a reação dos falantes a esses tipos de dados citados no parágrafo anterior e diz que, em uma análise detalhada, a reação desses falantes para os dados do grego e do russo mostra paradigmas defectivos e formas flexionais produtivas para um padrão distribucional diferente. Sims interpreta essa diferença como uma evidência de que a defectividade nos paradigmas russos e gregos tornaram-se dissociados de seus originais fatores causais, deixando esses dados como fatos idiossincráticos de seus idiomas respectivos.

No decorrer da sua dissertação, Sims propõe uma restrição do uso do termo *lacuna* (do inglês *gap*), já que era amplamente utilizado para qualquer situação em que uma estrutura morfológica ou morfológicamente observada fosse, de certa forma, inesperada ao sistema. O termo defectivo tem sido utilizado para remeter a qualquer situação em que haja uma palavra

ou uma estrutura considerada “desaparecida” dentro de uma perspectiva translinguística, como na situação em que um idioma tem uma palavra sem correspondente semântico em outro. A autora traz o exemplo das cores do russo que apresente dois termos para diferenciar o tipo de cor azul que há na língua. A palavra *sinij* refere-se à cor azul claro e *goluboj* à azul escuro. Ao fazer a comparação com o inglês, que tem apenas a palavra *blue* para designar a cor azul, Sims afirma que falta, no russo, uma palavra que englobe tanto o significado de *sinij* quanto de *goluboj*. Então, uma lacuna só seria identificada no russo devido à comparação com o inglês. A autora descarta esse tipo de situação na sua pesquisa por se tratarem de comparações entre idiomas. A definição de defectividade utilizada pela autora é um pouco complexa como podemos ver na seguinte citação:

Definition of paradigmatic gaps: For a lexeme L belonging to lexical class C, a paradigmatic gap exists if there is *no* synthetic form F(Lc) expressing a set of inflectional properties I, when the language normally has an F(xc) expressing I. Any otherwise well-formed syntactic structure into which a hypothetical F(Lc) is placed is ungrammatical. (Sims, 2006, p. 13)

A cerca do conceito acima, precisamos entender três questões abordadas pela autora. Primeiro a autora se refere a lacunas paradigmáticas apenas em casos de uma classe de palavras particular. Ela cita o exemplo das classes lexicais dos nomes e dos verbos. Geralmente, os nomes flexionam em gênero gramatical, enquanto os verbos, não. Mesmo os verbos não flexionando em gênero, isso não pode ser considerado um caso de defectividade, já que a flexão de gênero não é uma propriedade pertencente a classe lexical dos verbos. Entretanto, caso um nome apresente um paradigma incompleto em relação à flexão de gênero, esse é considerado um caso de defectividade, pois gênero é uma propriedade da classe lexical dos nomes. A segunda questão é que Sims define um paradigma defectivo como a não existência de uma forma sintética, ou seja, implica dizer que as perífrases, expressões frasais utilizadas pelos falantes ao se depararem com um contexto de defectividade a fim de se aproximarem do sentido da palavra ausente, não preenchem a célula de um paradigma defectivo. A terceira e última interpretação consiste em que o paradigma defectivo para ter tal denominação tem que apresentar uma falha na sua flexão. Para a autora, o paradigma defectivo representa “o vazio” no lugar de “algo” que o falante espera encontrar dentro um paradigma flexional.

Ademais, Sims afirma que os paradigmas defectivos podem ser agrupados em três categorias, de um modo geral: (I) aqueles que ocorrem por fatores semânticos; (II) os que são relacionados a restrições fonotáticas e (III) aqueles que não aparentam ter motivação dentro da

morfologia. Os paradigmas defectivos, em sua maioria, têm como origem restrições semânticas, como no caso dos substantivos *pluralia tantum* e *singularia tantum*.

Por fim, aqui explicaremos a posição da autora sobre a consideração de a defectividade ser um fenômeno marginal. É sabido que não há muitos trabalhos entre as décadas de 80 e 90 sobre tal fenômeno. Um dos motivos apontados por Sims é o fato de que certas teorias, nessa época, trataram a morfologia de acordo com princípios sintáticos. Os trabalhos mais recentes sobre paradigmas defectivos têm como quadro teórico a teoria da otimalidade (OT) que utiliza a competição entre princípios gramaticais gerais, ou seja, restrições, para suas formas de output. Entretanto, mesmo que esse aumento no número de pesquisas desse fenômeno, a maioria não leva em consideração o caráter idiossincrático que esses paradigmas aparentam ter. Para Sims, os recentes trabalhos não têm como hipótese de que a defectividade pode ser um fenômeno independente, isolado e não integrado a nenhuma estrutura linguística. Portanto pesquisas que tratam a defectividade como um fenômeno isolado afirmam que esse tipo de paradigma deve ser conduzido por fenômenos periféricos, pois as estruturas que são capazes de lidar com fenômenos idiossincráticos são capazes de lidar com fenômenos produtivos, mas não o contrário.

A contribuição do trabalho de Sims para esta dissertação consiste no fato de que é uma teoria como a OT é adequada para tratar do fenômeno da defectividade de forma a comprovar que tal fenômeno é causado por uma série de fatores.

2.1.5. Baerman (2010)

O trabalho de Baerman (2010) trata da defectividade do ponto de vista do fenômeno da homofonia. Ele procura abordar questões de que como a homofonia pode estar relacionada com a defectividade. Algumas das explicações sobre a defectividade estão relacionadas com o fenômeno da homofonia. Os falantes evitam certas formas menos frequentes por serem homófonas com outras mais frequentes. Por exemplo, no PB, a defectividade da primeira pessoa do singular do verbo *parir*, no presente do indicativo, é justificada pela forma homófona *eu paro* com a primeira pessoa do singular do verbo *parar*. O autor traz o exemplo da formação dos substantivos da língua papua da ilha de Alor, na Indonésia. Nessa língua a formação dos substantivos ocorre por meio de prefixação que indicam a pessoa e o número gramatical com valor possessivo. Como regra geral, os prefixos têm a estrutura de CV- quando a raiz da palavra a qual será anexada começa por uma consoante, como no exemplo da palavra *-tan* (mão). O prefixo de primeira pessoa do singular é a forma *na-*. Quando uma palavra se inicia por vogal,

a vogal do prefixo é apagada, como podemos ver no exemplo da palavra *-uar wa'* (orelha). Então o prefixo de primeira pessoa *na-* fica, nesse contexto, *n-*. Entretanto há uma exceção para o apagamento dessa vogal em contextos de primeira pessoa e terceira pessoa do plural. Isso acontece para evitar uma homofonia com as formas de singular. Por exemplo, a palavra *-uar wa'* na primeira e terceira pessoa do plural tem as formas respectivamente de *ni -uar wa'* e *gi -uar wa'*. Já as formas de singular são *n -uar wa'* e *g -uar wa'*. Logo, se a regra fosse aplicada, teríamos formas homófonas para os contextos de primeira e terceira pessoa do singular e do plural. Porém essa exceção de não apagar a vogal do prefixo em contextos de palavras a qual se inicia por vogal só é aplicável a algumas palavras, pois em casos, como o da palavra *-u'uk* (coração), a vogal dos prefixos *ni-* e *gi-* são apagadas mesmo a raiz começando por vogal gerando as formas homófonas *n -u'uk* e *g -u'uk* significando, respectivamente, primeira e terceira do singular e do plural. Baerman diz que não há nenhum tipo de fator fonológico, morfológico ou semântico para explicar o caso acima.

Para o autor, a noção de homofonia é considerada escorregadia, e por isso, parece ser questionável como uma explicação para formas defectivas ou irregulares. Baerman argumenta em seu trabalho que existem exemplos de formas defectivas que podem ser correlacionadas de maneira convincente com algumas homofonias esperadas, e que isso é evidência de que a evasão de homofonia pode desempenhar um papel decisivo na determinação da forma do paradigma.

O trabalho de Baerman se aproxima dessa dissertação no contexto em que algumas formas defectivas do PB são evitadas em razão de homofonia com outras. Mas há outros dados em que não há motivos para serem considerados defectivos.

2.1.6 Maiden e O'Neil (2010)

Maiden e O'Neil tratam dos dados do verbo *abolir* no espanhol em que há várias lacunas no paradigma dos tempos do presente e seus derivados, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 15 – Conjugação do verbo abolir no espanhol

	Pres. Indic	Pres. Subj.	Future	Conditional
1sg.			Aboliré	aboliría
2sg.			Abolirás	abolirías
3sg.			Abolirá	aboliría
1pl.	abolimos		aboliremos	aboliríamos
2pl.	abolis		aboliréis	aboliríais
3pl.			Abolirán	abolirían

Fonte: Produzido pelo autor.

A defectividade observada acima não é explicada por fatores semânticos ou fonológicos. Para explicar essa ausência das formas acima, os autores utilizam os conceitos de Albright (2003; 2006). No trabalho de 2003 ele diz que há algumas palavras são defectivas por razão de os falantes a evitarem por causa da incerteza na mudança da sílaba tônica. Essa incerteza é reforçada por meio de fatores que colidem um com o outro, como a baixa frequência de uma palavra ou o seu pleno desconhecimento por parte do falante. Outro fator é de haver no léxico dados conflitantes sobre mudar ou não a tonicidade da sílaba de uma palavra. Já em 2006, o autor afirma que o falante sabe das flexões de um paradigma, porém, em casos duvidosos, a língua não oferece dados suficientes para fazer uma escolha. Albright levanta a hipótese de que as formas defectivas ocorrem naquelas em que são computadas com referência a outra forma de base no paradigma e somente nos casos em que o mapeamento entre a base e a forma derivada requer inferência sobre pequenas quantidades de dados possivelmente conflitantes.

Maiden e O’Neil apresentam o exemplo de *abuelo/abolo?* como a possível forma para a primeira pessoa do singular do presente do espanhol. Essa dúvida em relação a qual forma ser utilizada tem um papel fundamental na defectividade. Outro fato que pode contribuir na questão na defectividade é a presença da vogal temática */-i/* da terceira conjugação. Um verbo que tem a vogal temática */-i/* em seu paradigma pode apresentar uma vogal anterior alta */-u/* na sua raiz provocando uma ditongação nas formas rizotônicas, como no caso do verbo *dormir* em espanhol:

Tabela 16 – Conjugação do verbo dormir no espanhol

	Pres. Indic
1sg	Duermo
2sg	Duermes
3sg	Duerme
1pl	Dormimos
2pl	Dormís
3pl	Duermen

Fonte: Produzido pelo autor.

Os autores então supõem que alguns verbos no espanhol podem não apresentar uma alomorfia nas suas formas rizotônicas. Desse modo, essa indisponibilidade gera lacunas, tornando o paradigma incompleto, defectivo. Para Maiden e O’Neil, o que dito pela gramática representa uma realidade muito superficial, pois os dados do uso dos falantes mostram que não há uma compatibilidade entre o que é encontrado no uso e o que é encontrado nas gramáticas e dicionários normativos.

2.1.7 Teoria da Otimalidade (TO)

A Teoria da Otimalidade (diante TO) é um modelo de gramática que trabalha com a interface entre fonologia, morfologia, considerando este um componente separado da sintaxe, e a sintaxe. Na perspectiva da TO, a gramática de cada língua é determinada por diferentes hierarquias de restrições universais e a variação/ mudança de gramática de uma língua para outra língua pode ser explicada pelos re-ranqueamentos (*Reranking*) de restrições nessa teoria.

A TO poderá nos ajudar a explicar alguns dados, já que há verbos considerados defectivos pela tradição ou por falantes devido à dúvida em saber qual é a sílaba tônica de uma palavra.

2.1.8 Conclusão do Capítulo

Em suma, podemos dizer que é difícil encontrar um padrão para a defectividade, como vimos nos trabalhos anteriores, em que os autores trazem dados de diversas línguas mostrando paradigmas defectivos, porém cada língua parece ter fatores diferentes e, muitas vezes, esses paradigmas parecem ser defectivos de forma arbitrária, não havendo razões fonológicas, morfológicas e/ou semânticas.

Não iremos tratar aqui a defectividade como um epifenômeno de línguas naturais. Iremos nos atentar aos dados retirados do cotidiano dos falantes, pois, geralmente, pode não haver uma correspondência entre o que dito pelas teorias e o que é entendido pelo falante.

CAPÍTULO 3: Análise dos dados em paradigmas verbais no PB

3.1 Considerações Iniciais

Nesta seção, iremos apresentar alguns problemas nas análises de outros autores em verbos ditos defectivos. Posteriormente, apresentaremos a nossa análise com base em dados retirados do cotidiano e produzidos por falantes, fazendo uma comparação do que já foi dito sobre esses dados por outros autores.

3.2 Análise de outros autores

Na introdução desta dissertação, ao apresentar o conceito de defectividade no PB, mostramos que a gramática normativa explica que a defectividade em paradigmas verbais no PB pode ocorrer devido a fatores de homofonia com outros verbos e cacofonia.

Na seção 2.1.2, NDF também dizem que alguns verbos são defectivos por questões de homofonia da 1ª pessoa do singular no presente do indicativo com outros verbos. Por exemplo, os pares de verbos no exemplo (20) *polir/pular*, *parir/parar* e *falir/falar*. Para os autores citados anteriormente, a 1ª pessoa do singular dos verbos *polir*, *parir* e *falir* são defectivos por serem homófonas com as 1ª pessoas do singular dos verbos *pular*, *parar* e *falar* respectivamente. Entretanto, não podemos generalizar que formas homófonas não possam coexistir, tornando o paradigma de certo verbo defectivo, pois, no PB, há casos de verbos que ocorre homofonia nas pessoas verbais e, mesmo assim, coexistem sem um restringir a presença do outro. É o exemplo das formas de pretérito perfeito dos verbos *ser* e *ir*. Nesse contexto de passado, os verbos apresentam as mesmas formas durante toda a flexão, como mostra o exemplo abaixo:

Tabela 17 – Modo Indicativo

Ser	Ir
Pretérito Perfeito	
<i>fui</i>	<i>fui</i>
<i>foste</i>	<i>foste</i>
<i>foi</i>	<i>foi</i>
<i>fomos</i>	<i>fomos</i>
<i>fostes</i>	<i>fostes</i>
<i>foram</i>	<i>foram</i>

Fonte: Produzido pelo autor.

De acordo com a definição de homonímia (Dubois *et al*, 1978, p. 326), que é a identidade fônica (homofonia) ou a identidade gráfica (homografia) de dois morfemas que não têm o mesmo sentido, de um modo geral. Portanto, podemos dizer que considerar os verbos do exemplo em (20) como defectivos devido a homofonia com outros verbos não deve ser generalizado, porque uma análise empiricamente sustentável na tabela 17 comprova que a homofonia pode causar uma evasão em certos paradigmas e em outros não.

Analisando os verbos defectivos em (5), como *abolir*, *banir*, *demolir* e outros, do ponto de vista da cacofonia, também podemos afirmar que não há motivos de esses verbos apresentarem lacunas em seus paradigmas por essa razão. Segundo a definição de cacofonia feita por Campos (1978, p.34), é o efeito sonoro ou desagradável, resultante da combinação negligente (quando não intencional) de sílabas sucessivas ou de retorcimento rítmico da frase. Podemos descartar a cacofonia como fator que provoca a defectividade em um paradigma qualquer, já que o que pode soar cacofônico para uma pessoa, pode não soar para outra. É um fator muito subjetivo.

Uma segunda análise feita por NDF para descobrir qual ou quais as causas de certos verbos em PB serem considerados defectivos mostram que uma possível explicação seria analisar tais verbos do ponto de vista fonológico da língua. NDF fazem uma análise nesse ponto de vista na seção 2.1.2. A hipótese de que as formas inexistentes nos paradigmas defectivos se devem a restrições fonológicas do PB se enfraquece diante de observações como as que seguem: em verbos como *banir*, *competir*, *explodir* e *colorir*, as formas candidatas a de 1ª pessoa do singular do indicativo do PB (*bano*, *compito*, *explodo* e *coloro*) têm características fonológicas semelhantes a de outras formas, como *eu engano*, *eu abano*, *eu encano* se referindo a forma *eu*

bano, além de *eu apito*, *eu repito* se referindo a *eu compito*. Portanto, as formas consideradas inexistentes parecem seguir um padrão que obedece às restrições fonotáticas do PB¹⁶.

3.3 Nossa proposta de análise

Nossa análise consiste no reconhecimento ou estranhamento do falante nos seguintes verbos: *agir*, *abolir*, *banir*, *caber*, *colorir*, *competir*, *demolir*, *explodir*, *falir*, *parir*, *precarer*, *polir*, *reaver* e *valer*. Escolhemos esses verbos por serem mais frequentes no dia a dia do falante, mas devemos ressaltar que não estamos falando de frequência no uso da primeira pessoa, mas sim no uso como um todo. Também iremos fazer um segundo experimento com os verbos *ver* e *vir* na primeira pessoa do plural do presente a fim de corroborar a ideia de que a homofonia pode causar lacunas em um paradigma de uma palavra. Um terceiro experimento será feito a fim de saber se os falantes utilizam as formas de subjuntivo dos verbos acima, pois, segundo a tradição, como vimos, verbos que são defectivos na primeira pessoa do singular não apresentam o paradigma do presente do subjuntivo com a justificativa de que este tem como base aquele.

Iremos separar os verbos acima em dois grupos: o primeiro será formado pelos paradigmas dos *parir*, *falir* e *polir*, já que são considerados defectivos por serem homófonos, como já mostramos na seção 2.1.2. O segundo grupo será formado pelos paradigmas do *abolir*, *banir*, *colorir*, *competir*, *demolir*, *explodir*, *precarer* e *reaver*. Esses verbos são tidos pela norma como defectivos em contextos de primeira pessoa do singular. Por último, os verbos *agir*, *caber* e *valer*, que não são ditos defectivos pela normatividade, serão levados em conta pela dúvida do falante em saber qual a forma para o contexto de primeira pessoa do singular do presente do indicativo.

Os falantes que foram utilizados nesse experimento, no total de 40 pessoas, têm entre 16 e 40 anos, sendo que a maioria tem ou está cursando algo no ensino superior, mas nenhum no curso de Letras. Dentre esses 40 falantes, 20 são da capital de SP e a outra metade de Fortaleza/CE. Essa diferença regional foi destacada aqui porque será relevante para entender uma diferença na produção de ambos em relação aos verbos *abolir*, *colorir*, *demolir* e *explodir*.

Na nossa análise, esperamos que os falantes produzam as seguintes formas dos verbos da tabela abaixo:

¹⁶ Meu agradecimento ao professor Luiz Carlos Schwindt por me chamar atenção para esses dados (IIICBM, USP, novembro de 2015).

Tabela 18 – Formas verbais esperadas por nós

Verbos	Formas esperadas		
Agir	eu ajo		Que eu aja
Abolir	eu ab/ô/lo	eu ab/u/lo	Que eu ab/ô/la ou abula
Banir	eu bano		Que eu bana
Caber	eu caibo		Que eu caiba
Colorir	eu col/ô/ro	eu col/u/ro	Que eu col/ô/ra ou colura
Demolir	eu dem/ô/lo	eu dem/u/lo	Que eu dem/ô/la ou demula
Explodir	eu expl/ô/do	eu expl/u/do	Que eu expl/ô/da ou expluda
Falir	eu falo		Que eu fala
Parir	eu paro		Que eu para
Precaver	eu precavejo	eu precavenho/precavo	Que eu precaveja/precavenha/precava
Polir	eu pulo		Que eu pula
Reaver	eu reavejo	eu reavenho/reavo	Que eu reaveja/reavenha/ reava
Valer	eu valho		Que eu valha

Fonte: Produzido pelo autor.

O teste feito pelos falantes foi elaborado da seguinte forma: Para o primeiro grupo, os falantes deveriam completar com a primeira pessoa do presente do indicativo dos verbos *falir*, *parir* e *polir* a lacuna da frase 1, no exemplo (23):

(23) eu _____ muito rápido assim.

Para o segundo grupo, os falantes deveriam preencher a lacuna da frase 2, no exemplo (24):

(24) deixa que eu _____ tudo.

No último grupo, os falantes deveriam preencher a lacuna das frases 3, no exemplo (25) para o verbo *agir*, frase 4 no exemplo (26) para o verbo *caber* e frase 5, no exemplo (27) para o verbo *valer*.

(25) eu sempre _____ naturalmente.

(26) eu não sei se _____ nesse lugar.

(27) eu _____ muito para meus amigos

Todos os falantes foram instruídos a utilizarem a primeira pessoa do singular no tempo presente do indicativo.

Na análise da frase 1, dos 40 falantes entrevistados, nenhum usou as formas que eram esperadas por nós. Ao invés disso, eles utilizaram as perífrases *vou parir*; *vou falir* (2 falantes utilizaram a perífrase *abro falência*) e *vou valer*. Ao serem questionados se utilizariam

as formas *eu falo* para o verbo *falir*, *eu paro* para o verbo *parir* e *eu pulo* para o *polir*, os falantes disseram, em unanimidade, que essas formas não correspondem a estes verbos, mas sim as formas verbais de *falar*, *parar* e *pular*.

Na análise dos dados da frase 2, dos 40 falantes, 31 conjugaram as formas verbais que eram esperadas por nós. Desses 31, 5 pessoas da capital de SP produziram as formas *eu abulo*, *eu coluro*, *eu demulo* e *eu expludo*. Ao serem questionadas de terem utilizadas as formas com a vogal posterior alta /u/ e não com a vogal posterior média alta /o/, eles disseram que usaram a conjugação de outros verbos para terem uma base, como *eu engulo* ou *eu durmo* dos verbos *engolir* e *dormir*. Em relação aos verbos *precarer* e *reaver*, dos 31 falantes, apenas 6 utilizaram as formas *eu precavenho* e *eu reavenho*. Ninguém produziu as formas *eu precavo* e *eu reavo*. Os 9 falantes que não produziram as formas que nós estávamos esperando, utilizaram as seguintes formas perifrásticas: *eu vou abolir*, *eu vou banir*, *vou colorir*, *vou explodir*, *vou me precaver* ou *vou tomar precaução* e *vou reaver*.

Na análise dos dados das frases de 3 a 5, dos 40 falantes, apenas 3 produziram as formas verbais por nós esperadas. Podemos notar que há uma preferência por parte dos falantes em utilizarem formas de perífrases para sanar a dúvida deles em relação ao que utilizar no referente contexto. Na frase 3, os falantes utilizaram *eu vou agir*; na frase 4, *vou caber* e na frase 5, *eu tenho muito valor*. Ao serem questionados por utilizarem tais formas, os falantes responderam que os verbos *agir*, *caber* e *valer* não têm uma forma para primeira pessoa do singular no presente, ou seja, consideram tais verbos defectivos.

Na segunda parte da nossa análise, pedimos para os 40 falantes que fizessem a correspondência da terceira pessoa do singular, por meio do pronome a gente, com a primeira pessoa do plural com o pronome nós, assim completando as lacunas das formas verbais de *estudar*, *vender* e *vir* em contexto de primeira pessoa do plural do presente do indicativo. Escolhemos os verbos *estudar* e *vender* a fim de fazer com o que o falante não tivesse dúvida do que fosse pedido para ele fazer. Sendo assim, apresentamos as frases a seguir:

(28)

A gente sempre estuda aqui.

Nós sempre _____ aqui.

(29)

A gente sempre vende aqui.

Nós sempre _____ aqui.

(30)

A gente sempre vem aqui.

Nós sempre _____ aqui.

Eram esperadas por nós as formas *estudamos*, *vendemos* e *vimos* pelos falantes. Para o exemplo em (28), todos os 40 falantes apresentaram a forma *estudamos*. O mesmo aconteceu com a forma *vendemos* em (29). Mas no exemplo em (30), apenas 8 pessoas utilizaram a forma *vimos*. Os 32 falantes que não produziram a forma esperada disseram que o verbo *vir* não têm a primeira pessoa do plural do presente, argumentando que nunca ouviram ninguém usando esse verbo nesse contexto e que a forma *vimos* se refere à primeira pessoa do plural do verbo *ver*. As 8 pessoas que produziram a forma *vimos* justificaram sua produção por já terem se deparado com essa dúvida anteriormente em contextos escolares, mas não negam que é comum a dúvida em relação ao seu uso.

A relação da primeira pessoa do plural do verbo *vir* e *ver* é interessante pelo fato de que apesar de serem verbos muito frequentes, a homofonia causa uma dúvida no falante em saber qual a forma ele deve utilizar. Não podemos dizer que a homofonia não é relevante para explicar algumas situações de defectividade, mas dizer que a frequência é um fator crucial para a homofonia não explica tudo. Para alguns verbos, o fator frequência funciona, mas para outros, não.

Na nossa terceira análise, pedimos aos mesmos falantes para completarem uma lacuna numa sentença utilizando os verbos dos três grupos definidos por nós no início desta seção. Para auxiliá-los, colocamos a seguinte sentença como base:

(31) Espero que eu *resolva* algo.

Então, colocamos a frase em (32) para eles completarem com os verbos dos grupos:

(32) Espero que eu _____ algo.

Dos dados obtidos, observamos que os falantes seguiram o mesmo padrão das duas análises anteriores.

Com os verbos do primeiro grupo, *parir*, *falir* e *polir*, os falantes não produziram as formas por nós esperadas assim como na nossa primeira análise. Os falantes utilizaram as perífrases que eu *vá parir*, *falir* e *polir* isso. Isso reforça a tese de que esses três verbos são, de fato, utilizados defectivamente pelos falantes.

Os verbos do grupo 2 foram utilizados por 31 falantes assim como na nossa segunda análise com as mesmas variações para os verbos *abolir*, *colorir*, *demolir*, *explodir*, *precaver* e *reaver*. Notamos que esse resultado mostra que os falantes utilizaram a forma de primeira pessoa do singular do presente do modo indicativo para produzir as formas de subjuntivo. Já os nove restantes que não produziram as formas esperadas, utilizaram mais uma vez perífrases, utilizando a expressão *que eu vá...* mais o verbo principal.

Com os verbos do grupo 3, *agir*, *caber* e *valer*, tivemos um resultado diferente. 30 pessoas produziram as formas que eu *aja*, *caiba* e *valha*. Apesar de ser um resultado esperado por nós, causa um estranhamento porque pensamos que eles seguiriam o mesmo padrão dos verbos dos grupos anteriores. As dez pessoas que não produziram a forma esperada utilizaram a mesma perífrase verbal das análises anteriores.

3.4. Conclusão da seção

Esperávamos, na nossa análise, chegar aos resultados desejados, que era a produção de todas as formas verbais pelos falantes sem nenhum estranhamento. Entretanto, vimos que há muitas dúvidas em relação à conjugação verbal, mesmo em verbos considerados regulares, como o *agir*, *caber* e o *valer*. Isso só reforça a ideia de que o que é dito pela norma é muito distante da realidade vivida pelo falante.

CAPÍTULO 4: CONCLUSÃO

Nesse capítulo, iremos apresentar a nossa contribuição para os estudos sobre defectividade no PB e também para servir de comparação com outros idiomas. Iremos também responder as perguntas levantadas na introdução desta dissertação sobre a defectividade em paradigmas verbais no PB.

4.1 Nossas contribuições

Na introdução da dissertação, colocamos como nosso objetivo obter as respostas para três perguntas acerca da defectividade. Nossa principal hipótese era de que, talvez, no PB, a defectividade não existisse, mas sim uma dúvida em relação à escolha do falante sobre qual forma utilizar, ou seja, os verbos tivessem todas as formas de conjugação disponíveis, mas o falante não tivesse noção disso por motivo de não saber utilizá-las. Vamos colocar aqui as respostas obtidas por nós por meio da análise dos dados no capítulo 3 e, ao final, de cada resposta, mostraremos se nossas respostas foram de acordo com as hipóteses iniciais levantadas.

• Perguntas feitas da Introdução

a) Quais as causas para essas formas defectivas?

Resposta para o item a):

De acordo com as nossas análises, devemos deixar claro que não encontramos uma única causa para todos os verbos ditos defectivos, pois esse fenômeno se manifesta de forma distinta em cada verbo. Por exemplo, alguns verbos apresentam a ausência apenas da primeira pessoa do singular do presente, enquanto outros tem apenas as formas verbais arrizotônicas disponíveis no paradigma. Vamos considerar aqui somente os verbos que os falantes não conjugaram no contexto de primeira pessoa do singular.

Podemos dizer que, nos verbos *falir*, *parir* e *polir*, a causa da sua defectividade na primeira pessoa do singular do presente foi apontada como uma evasão de homofonia com as formas no mesmo contexto dos verbos *falar*, *parar* e *pular*. Isso reforça a ideia do texto de Baerman (2010) que fala justamente que paradigmas podem apresentar lacunas na sua flexão em razão de homofonia com outros paradigmas. Ademais, a questão da frequência também foi

apontada pelos falantes como um fator que os leva a não utilizarem a primeira pessoa do singular do presente.

As causas da defectividade dos verbos *agir*, *caber* e *valer* foram apontadas pelos falantes devido ao fato de eles desconhecerem tais formas, ou seja, não são verbos que apresentam a primeira pessoa do singular do presente com frequência. Outro fator também apontado foi a questão do PB não fornecer dados linguísticos suficientes para que o falante pudesse recorrer e, assim, produzir tais formas.

Assumimos aqui então que no PB a homofonia, a frequência e dados insuficientes da língua foram as causas da defectividade no paradigma dos verbos citados. Assim, podemos dizer que respondemos a nossa pergunta de forma suficiente.

b) O falante usa “defectivamente” os mesmos verbos que a norma classifica como defectivos?

Antes de responder tal pergunta, vamos lembrar o que considerado defectivo e o que não é pela gramática normativa.

Os verbos *parir*, *falir* e *polir* são considerados defectivos pela norma em razão de homofonia com os verbos *parar*, *falar* e *pular* em contexto de primeira pessoa do singular do presente do indicativo.

Os verbos *abolir*, *banir*, *colorir*, *demolir*, *explodir*, *precaver* e *reaver* são considerados defectivos em contexto de primeira pessoa do singular do presente do indicativo ou em todas as pessoas verbais com exceção das formas arrizotônicas, como apresentamos nos exemplos em (12) e (13) no capítulo 1.

Os verbos *agir*, *caber*, *valer* e *vir* são considerados pela norma como regulares, ou seja, apresentam a conjugação do paradigma de forma completa.

De acordo com a nossa análise, os falantes entrevistados, em unanimidade, usam “defectivamente” os verbos *parir*, *falir* e *polir* como diz a normatividade. Já os verbos *abolir*, *banir*, *colorir*, *demolir*, *explodir*, *precaver* e *reaver* foram conjugados pelos falantes, em sua maioria, sendo considerados regulares por eles, ou seja, há uma discordância entre o que é dito pela norma e o que é usado pelo falante. Os verbos *agir*, *caber*, *valer* e *vir* foram considerados defectivos pela maioria dos entrevistados, ou seja, havendo uma diferença entre o que é considerado pela norma gramatical.

Logo, podemos concluir que os falantes não usam os verbos “defectivamente” como diz a norma, pois há mais discrepâncias entre ambos do que similaridades.

c) *A defectividade existe no PB ou há formas disponíveis, porém evitadas pelo falante por algum motivo?*

Essa pergunta é a mais complexa desta dissertação, pois afirmar que um fenômeno não existe em tal língua requer muita atenção e cuidado. Vimos que, de fato, a defectividade existe no PB, mas em um ponto de vista diferente do que já foi abordado em pesquisas anteriores vistas aqui nos capítulos 1 e 2, como Celso & Cunha e Nevins, Damulakis e Freitas.

A questão de evitar uma forma foi levantada devido ao fato de encontrarmos alguns dados que contradizem o que era dito em pesquisas anteriores, como a forma *eu bano* ou *eu explodo*. Porém, sabemos que para responder a essa pergunta, devemos continuar olhando para os dados produzidos pelos falantes. A questão da espontaneidade das respostas dos falantes também nos ajudou a chegar a tal conclusão, pois algo levantado pelos falantes foi que a dúvida de conjugação de qualquer verbo, geralmente, recai sobre a primeira pessoa do singular do presente.

4.2 Nossas limitações

As limitações dessa pesquisa consistem no fato de não haver uma uniformidade do tratamento da defectividade por parte dos pesquisadores. Vimos que muitas pesquisas tinham apenas um direcionamento, como na questão da fonologia, o que foi mais encontrado sobre os verbos defectivos no PB. Porém, não é de se descartar tal ponto de vista levantado em trabalhos anteriores, pois foi fundamental para que nós enxergássemos alguns pontos não observados por eles anteriormente. A questão também de a defectividade ter recebido pouca atenção desde sempre nos limitou em algum momento, pois o que parecia ser dito pelos autores era sobre um fenômeno simples de ser entendido, mas alguns trabalhos foram de suma importância para quebrar essa visão limitada, como o de Sims (2006) e Baerman, Corbett e Brown (2010). Esses autores mostraram que tal fenômeno tem um caráter complexo, pois há vários fatores que podem tornar um paradigma incompleto e também na tentativa de achar um padrão, mesmo que difícil.

Aqui nos ressaltamos que a defectividade pode ter uma explicação dentro de áreas como a fonologia, como já vimos no decorrer desta dissertação, mas também em áreas da sociolinguística, pois nos parecer ser viável olhar para a variação linguística relacionada com a

defectividade, verificando se fatores como diferença de faixa etária ou regionais podem influenciar em formas defectivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBRIGHT, A. *A quantitative study of Spanish paradigm gaps*. In G. Garding and M. Tsujimura (Eds.), *WCCFL 22 Proceedings*, Somerville, MA, pp. 1–14. Cascadia Press. 2003.
- _____. *Lexical and morphological conditioning of paradigm gaps [draft ms]*. 2006.
- _____. *Inflectional paradigms have bases too: Evidence from Yiddish*. In Asaf Bachrach and Andrew Nevins (ed.), *Inflectional Identity*. Oxford: Oxford University Press. 2008a.
- _____. *Lexical and morphological conditioning of paradigm gaps*. In *Modeling ungrammaticality*, ed. Curt Rice and Sylvia Blaho, 117–164. London: Equinox Publishing. 2009.
- ARREGI, K. & NEVINS, A. *A monoradical approach to some cases of disuppletion: commentary on Heidi Harley's 'On the identity of roots'*. *Theoretical Linguistics*, 2014.
- BAERMAN, M.; BROWN, D.; CORBETT, G. G. *Defective paradigms: missing forms and what they tell us*. Oxford University Press, 2010.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Nacional, 2009.
- _____. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BOOIJ, G. *Inherent versus contextual inflection and the split morphology hypothesis*. In: Booij & Van Marle (eds.), *Yearbook of Morphology 1995*. Dordrecht, Kluwer, pp. 1-16, 1996.
- BORBA, F. S. *Introdução aos estudos linguísticos*. 8. ed. São Paulo: Nacional, 1984. P.160.
- _____.
CÂMARA JR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970. P.104.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.
- CAMPOS, G. *Pequeno Dicionário de Arte Poética*. São Paulo, Cultrix, 1978.
- CARONE, F. *Morfossintaxe*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- CART, A. et al. *Gramática latina*. Trad. E adap. Maria Evangelina V.N.Soeiro. São Paulo, EDUSP, 1986.

CHAGAS DE SOUZA, P. *Particípios atemáticos no PB: um processo paradigmático*. ReVEL, edição especial n. 5, 2011. [www.revel.inf.br].

CHOMSKY, N. *Remarks on Nominalization*. In R. Jacobs and P. Rosenbaum, eds. *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, Mass.: Ginn & Company, 1970.

CUNHA, C; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

_____. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUBOIS, J. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

GUÉRIOS, R. F. M. *Tabus Lingüísticos*. Curitiba: Ed. Universidade Federal do Paraná, 2 ed., 1979.

HALLE, M. & MARANTZ, A. “*Distributed Morphology and the Pieces of Inflection*”. In *The View from Building 20*, ed. Kenneth Hale and S. Jay Keyser. MIT Press, Cambridge: MIT Press, pp. 111-176, 1993.

HARLEY, H. *On the Identity of Roots*. Theoretical Linguistics Version available at lingbuzz/001527. 2014.

LAKS, L. *Defective paradigms in derivational morphology: Hebrew valence changing*, in Alexandra Galani, Daniel Redinger, and Norman Yeo (eds), *York-Essex Morphology Meeting (YEMM)*. 2009. Special issue, *York Papers in Linguistics Series 2 (YPL2)* 10, 67-78. Available at <http://www.york.ac.uk/language/ypl/ypl2issue10>.

LAPA, M. R. *Estilística da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MATTHEWS, P. H. *Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2nd edn. 1991.

_____. *The Concise Oxford Dictionary of Linguistics*. Oxford: Oxford University Press. 1997.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*, 4.ed., Campinas: Pontes. 2002.

NEUER, F. and WAGENER, C. *Formenlehre der lateinischen Sprache*. Vol.1: *Das Substantivum*, vol. 3: *Das Verbum*. Leipzig: O.R. Reisland and Berlin: Calvary. 1897, 1902.

NEVINS, A.; FREITAS, M. L.; DAMULAKIS, G. *Phonological Regularities among Defective Verbs*. Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP), v. 56, p. 11-21, 2014.

POSTMA, G. *Metaphonic Blocking in Portuguese as a Linearization Deadlock*. Workshop on Metaphony, Meertens Institute, 2013.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 33. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1996. 553 p. Prefácio de Serafim da Silva Neto.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1931.

SALUM, M. E. L. *Morfologia do verbo português em obras de referência*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, P. M. R. *A defectividade verbal no português*. Dissertação de mestrado em língua portuguesa apresentada à coordenação do curso de pós-graduação em Letras da UFRJ, 1989.

SCHAF FILHO, M. *Do acusativo com infinitivo latino ao nominativo com infinitivo português*. 205p. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. 2003.

SILVA, I. T. *O uso do particípio em formações verbais no português do sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008.

SIMS, A. D. *On avoidance strategies (and their potential implications for dialect loss)*. In Christian Voss and Dieter Stern, eds. *Marginal linguistic identities: Studies in Slavic contact and borderland varieties* (=Eurolinguistische Arbeiten 2). Wiesbaden, Germany: Harrassowitz Verlag, 245-260. 2006.

WETZELS, W. L.. *Harmonização Vocálica, Truncamento, Abaixamento E Neutralização do Sistema Verbal do Português*. Cadernos de Estudos Linguísticos ,pp. 19-55. Campinas: UNICAMP. 1991.